



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

RAFAELLA FRANCISCA ALVES TEIXEIRA

**DISCURSO E IDENTIDADE:
A REPRESENTAÇÃO INDÍGENA NA HISTÓRIA DO BRASIL**

JOÃO PESSOA
2018

RAFAELLA FRANCISCA ALVES TEIXEIRA

DISCURSO E IDENTIDADE:
A REPRESENTAÇÃO INDÍGENA NA HISTÓRIA DO BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Letras Português, sob orientação da Profa. Dra. Amanda Braga.

JOÃO PESSOA
2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

T266d Teixeira, Rafaella Francisca Alves.

Discurso e identidade: a representação indígena na história do Brasil / Rafaella Francisca Alves Teixeira.

- João Pessoa, 2018.

55 f. : il.

Orientação: Amanda Batista Braga.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Discurso. 2. Identidade. 3. Indígena. I. Braga, Amanda Batista. II. Título.

UFPB/

RAFAELLA FRANCISCA ALVES TEIXEIRA

**DISCURSO E IDENTIDADE:
A REPRESENTAÇÃO INDÍGENA NA HISTÓRIA DO BRASIL**

Banca Examinadora

Profa. Dra. Amanda Batista Braga
(Orientadora)

Profa. Dra. Edjane Gomes de Assis
(Examinadora)

Profa. Dra. Eliana Vasconcelos da Silva Esvael
(Examinadora)

Profa. Dra. Oriana de Nadai Fulaneti
(Examinador suplente)

JOÃO PESSOA
2018

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pelo dom da vida, por iluminar meu caminho e me dar forças para persistir na caminhada acadêmica;

A Nossa Senhora Maria, pelo amparo maternal;

Aos meus pais, Rosa e Ulisses por todo amor, carinho, por sempre acreditarem em mim e ter estado presentes nos momentos mais doces e difíceis;

Ao meu noivo, Felipe, pela compreensão, companheirismo e incentivos diários, suavizando minha caminhada com seus afetos;

Ao meu irmão, Rodolpho, pela compreensão e amizade ao compartilhar as vivências e lutas acadêmicas;

À minha orientadora, Amanda Braga, não somente pela disponibilidade e orientação deste trabalho, mas também por ter me apresentado a disciplina Análise do Discurso;

À professora Edjane Gomes de Assis e à professora Eliana Vasconcelos da Silva Esvael pela disponibilidade para participar da banca examinadora deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho busca analisar como foi construída, discursivamente, a identidade indígena no Brasil, bem como os deslocamentos sofridos atualmente por esta identidade. Buscaremos demonstrar, por meio das tirinhas de Armandinho, disponibilizadas na rede social: Facebook bem como de produções discursivas anteriores a ela e disponibilizadas por meio de revistas em quadrinhos e imagem publicitária, os sentidos construídos sobre o indígena e o modo como os efeitos da pós-modernidade passam a apresentar deslocamentos nesta identidade cultural. O intuito é demonstrar que novos sentidos começam a ser produzidos por meio dessa nova abordagem, que divergem daquelas produzidas anteriormente. Para tanto, far-se-á uma análise comparativa entre: a) alguns materiais destinados ao público infantil de modo geral, produzidos entre 2007 e 2018; b) e as tirinhas de Armandinho, que também tem sido usada para fins pedagógicos e são mais atuais, com produções veiculadas entre abril e agosto de 2018. Como fundamentação teórico-metodológica, este trabalho está ancorado na Análise do Discurso de linha francesa, fazendo uso de seus conceitos-chave e de seu constante diálogo com os Estudos Culturais, aqui representado pela discussão empreendida por Stuart Hall em torno das identidades culturais na pós-modernidade.

Palavras-chave: Discurso. Identidade. Indígena.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. História - O descobrimento do Brasil	34
Figura 2. Sítio do Picapau Amarelo	36
Figura 3. Canção Nova	38
Figura 4. Turma da Mônica	40
Figura 5. Armandinho	41
Figura 6. Armandinho	43
Figura 7. Armandinho	44
Figura 8. Armandinho	46
Figura 9. Armandinho	47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 - ANÁLISE DO DISCURSO	10
1.1 O SUJEITO DISCURSIVO	12
1.2 MEMÓRIA DISCURSIVA	14
CAPÍTULO 2 – A IDENTIDADE INDÍGENA NO BRASIL	18
2.1 CONCEITO DE IDENTIDADE	18
2.2 IDENTIDADES NACIONAIS	22
2.3 A IDENTIDADE INDÍGENA	25
CAPÍTULO 3 - DESLOCAMENTOS DISCURSIVOS NA IDENTIDADE BRASILEIRA QUANTO A QUESTÃO INDÍGENA	31
3.1 UM POUCO DA HISTÓRIA DE ARMANDINHO.....	33
3.2 ANÁLISE COMPARATIVA.....	34
3.2.1 Material destinado ao público infantil	34
3.2.2 Tiras de Armandinho	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca apresentar uma análise sobre o modo como estão representados os indígenas no cenário do descobrimento do Brasil. Buscaremos demonstrar, por meio das tirinhas de Armandinho, bem como de produções discursivas anteriores a elas, os sentidos construídos sobre o indígena em materiais didáticos e o modo como os efeitos da pós-modernidade passam a apresentar deslocamentos nesta identidade cultural.

Trazendo as discussões referentes à Análise do Discurso de linha francesa, tendo Michel Pêcheux como seu precursor, no primeiro capítulo, intitulado Análise do Discurso, iremos expor um breve resumo e motivações que originaram a disciplina, dentre elas a retomada de campos constitutivos que haviam sido ignorados pelo Estruturalismo, como a presença do sujeito e da história. A AD apresenta o sujeito como a principal ferramenta para a realização do discurso, estando relacionado às suas condições de produção. Tais conceitos possibilitaram as análises dos enunciados aqui apresentados, onde veremos o assujeitamento do sujeito a ideologias postas em nossa sociedade, reconhecendo que os sujeitos, ao reproduzirem tais discursos, reforçam ou reconstróem sentidos.

No segundo capítulo, que tem como título: A identidade indígena no Brasil, abordaremos as concepções e apontamentos sobre identidades culturais nacionais trazidas por Stuart Hall (2005). Tais discussões mostrarão que as velhas identidades consideradas estáveis passam a ser fragmentadas na pós-modernidade, além de apresentar quais aspectos são necessários para que as identidades se tornem nacionais. Entendimentos que utilizaremos neste trabalho a fim de observar como foram criadas as concepções que temos da nação brasileira em referência à questão indígena e como hoje estas concepções são fragmentadas, estando a provocar o surgimento de novas identidades. Para que tais abalos fossem visualizados, expusemos neste capítulo como se deu a construção dos sentidos sobre a identidade indígena, ligando-a ao fato histórico disseminado como descobrimento do Brasil, e quais aspectos construídos neste momento passou a ser parte formadora da identidade brasileira.

O último capítulo: Deslocamentos discursivos da identidade brasileira quanto a questão indígena, é dedicado a análise de alguns enunciados produzidos no Brasil e que colocam a identidade nacional em questão, abordando as produções atuais, como as tirinhas de Armandinho, em contraste com produções anteriores, demonstrando assim um possível deslocamento de identidade. Observaremos, por meio dos materiais aqui apresentados, como a população brasileira perpetuou verdades sobre o descobrimento durante décadas e como hoje vem se referindo à questão indígena na globalização. O intuito é demonstrar que novos sentidos

começam a ser produzidos por meio dessa nova abordagem, que divergem daquelas produzidas anteriormente.

CAPÍTULO 1 - ANÁLISE DO DISCURSO

Em meio ao auge do estruturalismo francês, surge a Análise do Discurso (AD), no final dos anos 60. Envoltura por um ambiente marcado por revoluções, onde a população tentava de alguma forma lutar pelos seus direitos, a história passa a apresentar um novo cenário não só nas ruas, mas também nos estudos linguísticos.

Em maio de 1968, em reflexo às mudanças na esfera educacional realizadas pelo Governo do então presidente, Charles De Gaulle, estudantes franceses da Universidade de Natterre se organizam e saem às ruas com o objetivo de lutar contra o autoritarismo instaurado, em busca dos seus direitos civis e políticos. Sofrendo grande repressão por parte governamental, o movimento que, num primeiro momento, pareceu ser facilmente contornável, ganhou novas adesões: grupos estudantis de diversas escolas aderiam ao movimento e até a classe operária, ao visualizar tamanha organização e o poder a ação ganhava, se aliou ao movimento com o objetivo de ter melhores condições salariais. Perante estas frentes revolucionárias, a França se via diante de uma greve geral que avançava fortemente em direção às fronteiras de Paris, expandindo-se nacionalmente. Estes conflitos vivenciados respingaram nos estudos linguísticos, os quais ajudaram a construir as ideias centrais da Análise do Discurso, que surgia neste período.

Tendo como seu precursor o estudioso francês Michel Pêcheux, a Análise do Discurso dá seus primeiros passos com o objetivo de combater o excessivo estruturalismo. Ao analisar o cenário histórico em que estavam inseridos, estudiosos sentiram a necessidade de analisar a linguagem de uma maneira mais profunda, distanciando-se das normas e aproximando-se dos sentidos. Porém isso não quer dizer que houve um rompimento com o estruturalismo, pois o mesmo serve de base para os estudos, oferecendo ferramentas para que as novas teorias sejam colocadas em execução. O objetivo então era dar espaço para algo que tinha sido ignorado. Eis neste momento a reinserção do sujeito na linguística, como podemos confirmar com a citação seguinte:

Ao longo do percurso triunfal dos estruturalistas, que marcou de forma indelével os anos 50 e 60, houve sempre uma constante: a deliberada exclusão do sujeito. Esse foi o preço a pagar pelos defensores do paradigma estrutural para a ruptura com a fenomenologia, o psicologismo ou a hermenêutica. Importava normatizar o sujeito, já que era visto como o elemento suscetível de perturbar a análise do objeto científico, que deveria corresponder a uma língua objetivada, padronizada. (...) O movimento de maio de 68 e as interrogações que surgiram de súbito no âmbito das ciências humanas foram decisivos para subverter o paradigma então reinante, trazendo como consequência o sujeito para centro do novo cenário. (FERREIRA, 2005, p.13)

Buscando reconhecer campos constitutivos que haviam sido ignorados no auge do estruturalismo, a Análise do Discurso questionará o interior da própria linguística, permitindo que os conceitos de língua, história e sujeito sejam explorados e sugerindo que esses elementos são determinantes na produção da linguagem que afetarão a produção de sentido realizada no discurso. “Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2007, p.15). Como o próprio nome já aponta, a palavra *discurso*, etimologicamente falando, dá ideia de trajeto, de movimento, o discurso é a língua em movimento. Em outras palavras, a AD não trabalha com a língua como sistema, mas como ela se realiza.

A Análise do Discurso vai analisar o que está sendo colocado por meio do discurso. A prática da linguagem não se trata apenas de uma troca de códigos, onde emissor envia uma mensagem e o receptor a decodifica, para a Análise do Discurso há uma relação de significação entre estes dois locutores, pois a partir do momento em que relaciono o sujeito ao tempo histórico em que ele está inserido, temos um processo de constituição de sentido no discurso apresentado.

Diante de tais fatos, temos aqui uma disciplina de entremeio e não interdisciplinar, a qual irá buscar em outras disciplinas entendimento que embasem suas pesquisas, integrando conceitos de áreas das ciências humanas como a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. Portanto, a AD não é uma soma de disciplinas, mas uma disciplina que é formada a partir da contribuição de outras teorias, o que não invalida a singularidade da disciplina Análise do Discurso como forma própria de conhecimento sobre a linguagem.

A língua como objeto Linguística, formada por regras, autônoma e transparente, não é trabalhada na Análise do Discurso. Segundo Ferreira (2005, p.17), “a língua do analista de discurso é outra. É a língua da ordem, da opacidade, da possibilidade do equívoco como fato estruturante, da marca da historicidade inscrita na língua”. A AD trabalha apenas com o que está sendo colocado, não interessa para o analista do discurso as intenções, mas sim o que realmente foi dito e em quais circunstâncias. A partir do que foi dito, ao relacionar ao espaço e tempo é que se poderá ser avaliado os sentidos daquele discurso. Este discurso poderá apresentar traços ocultos, atos falhos, que poderão não estar explicitamente colocados, mas que apresentarão sentidos ao avaliar o sujeito e as condições históricas em que foi produzido o discurso.

Ao falar, escrever, ou realizar gestos, estamos produzindo sentidos. A Análise do Discurso não estaciona na interpretação da mensagem, mas trabalha suas relações como parte

dos processos de significação. Para ela, não existe uma única interpretação sobre determinado texto, mas vários gestos de interpretação que o analista deverá ser capaz de compreender. Sobre isso, a introdutora da AD no Brasil, Eni Orlandi (2007), irá colocar que:

Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de aprender. (ORLANDI, 2007, p.30)

A AD buscará compreender que sentidos são produzidos a partir do uso de determinado objeto simbólico, seja ele texto, imagem, enunciado, música. Analisa-se como este objeto está investido de significância na medida em que sugere práticas de leitura que relacionam os sujeitos, a história e os sentidos. De acordo com Orlandi (2007), ao se analisar um objeto discursivo, o analista poderá fazê-lo a partir da escolha das ferramentas teóricas oferecidas pela disciplina (dispositivo teórico), e a partir de conceitos escolhidos pelo próprio analista para a construção da análise (dispositivo analítico). Apesar de um estar inserido no outro, isso não quer dizer que se trata do mesmo. Na verdade, ao se remeter ao dispositivo teórico, o pensamos de uma maneira geral. Nem tudo que a disciplina oferece é utilizado pelo analista. Por isso, é correto apontar que determinado texto possa possuir diversas análises interpretativas, pois foi realizada por mais de um analista ou sob a perspectiva de teorias diferentes. Até se um mesmo analista analisar um mesmo discurso, por teorias diferentes, este discurso terá análises distintas. Ou seja, é de responsabilidade de cada analista a escolha dos conceitos que deverão ser relacionados ao material analisado.

Os sentidos não estão só nas palavras, mas na ligação com o exterior. Desta forma, a Análise do Discurso não dispõe de uma opinião fechada que finalize outras possibilidades de interpretação. Ao contrário, dá a oportunidade para que novos conceitos e teorias sejam agregados, proporcionando novos movimentos, reorganizações e reconfigurações em cada análise.

1.1 O SUJEITO DISCURSIVO

Como vimos, a chegada da Análise do Discurso provocou mudanças em questões relacionadas à forma de pensar sobre o sujeito e as condições de produção em que ele está inserido. Interligando-se a outras áreas, a AD aponta que, ao se analisar um discurso, não se trabalha com a história e a sociedade como se elas fossem independentes do fato de que elas

significam. O sujeito é parte principal para o uso da linguagem e não poderia ser isolado, é por meio dele que os discursos se materializam. Segundo Ferreira (2005), a AD vai em busca do sujeito até então descartado:

E vai encontrá-lo, em parte, na psicanálise, apresentado como um sujeito descentrado, afetado pela ferida narcisista, distante do sujeito consciente, que se pensa livre e dono de si. A outra parte desse sujeito desejante, sujeito do inconsciente, a AD vai encontrar no materialismo histórico, a ideologia althusseriana, o sujeito assujeitado, materialmente constituído pela linguagem e devidamente interpelado pela ideologia. (FERREIRA, 2005, p.14)

Este sujeito, para a AD, deixa de ter características limitadas de emissor e/ou receptor e passa a ser construtor de sentidos na realização da linguagem. Deixando de ser apenas aquela figura de aspecto centrado, estável e homogêneo, passando a ser considerado um sujeito dividido entre o inconsciente e a ideologia. A inserção do sujeito complementa a relação língua-discurso-ideologia, como afirma Orlandi citando Pêcheux: “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”. (PÊCHEUX, 1975, apud ORLANDI, 2007, p 17). De acordo com esta afirmação, o falante do discurso não é considerado apenas como indivíduo, mas sim um sujeito, parte significativa no discurso.

Segundo Ferreira (2005), apesar de estar constituído pela linguagem, o sujeito não é livre e dono de si, mas descentrado, colocado entre o “sujeito da ideologia, (pela noção de assujeitamento), e o sujeito da psicanálise (pela noção de inconsciente)” (2005, p.14). O que nos leva ao encontro da teoria do assujeitamento, a qual defende que o sujeito é submetido a regras específicas que delimitam seu discurso. Quando nascemos, os conceitos já estão postos, a partir do momento em que vamos evoluindo, vamos tendo contato com diversos discursos que serão absorvidos e/ou adotados pelo sujeito. Em outras palavras, o sujeito se torna sujeito quando ele se assujeita a alguma teoria já existente que lhe foi imposta pela exterioridade.

Inconscientemente, a partir do momento em que o sujeito acredita em algo, ou acredita em seu contrário, ele já está assujeitado a esta ideologia. Por isso, afirmamos que o sujeito não é livre, por estar preso à ideologia, porém ele não é um sujeito totalmente assujeitado já que, por meio da linguagem, ele expõe a sua ideologia ou sua resistência a ela e constrói novos discursos e com eles novos sentidos.

Este sujeito enuncia na ilusão de saber e definir o que diz, porém, este discurso só passa a construir sentido quando ele é avaliado junto ao momento histórico que o atravessa, fazendo com que ele só tenha acesso ao que diz. Ou seja, o sujeito não tem como controlar os sentidos

como um todo, pois a exterioridade que lhe atinge pode ser diferente da do outro nas variações de espaço e tempo em que ocorrem as enunciações discursivas. Com isso, podemos afirmar que, a partir do momento em que o sujeito passa a construir sentido em seu discurso, ele está sendo assujeitado à história e à língua.

1.2 MEMÓRIA DISCURSIVA

Chegando à realização do discurso, em sua prática, verificamos suas condições de produção. As condições de produção incluem o contexto imediato e o contexto amplo em que os discursos são produzidos, envolvendo as condições sócio-históricas e ideológicas da enunciação. O contexto imediato seria todo o cenário apresentado no discurso, o ambiente em que ele está sendo aplicado, as vozes – os sujeitos, o momento histórico e o modo como o discurso está sendo materializado, se é apenas verbal, escrito, se para muitas ou poucas pessoas. E também teremos o contexto amplo, trazendo para o discurso elementos que se originam na nossa sociedade, comportamentos e atitudes tais como a sociedade se comporta diante de tal ambiente, tal tema, de tais sujeitos, como se organiza o poder, as posições, legados de superioridade e inferioridade.

A memória possui tais características quando pensada em relação ao discurso, sendo tratada nessa perspectiva como interdiscurso. O interdiscurso é definido como aquilo que foi falado antes, em outro lugar, independentemente, chamado de memória discursiva. É o que foi dito que tornará possível novos dizeres, retornando como forma do pré-construído. O já dito está localizado na base do dizível, sustentando cada palavra.

Todos os sentidos já ditos anteriormente por alguém, em outro momento, em algum lugar seja ele próximo ou distante pode ser respaldo de discussão para novos discursos. Como afirma Orlandi (2007, p.31), “o interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada”. Os efeitos da memória discursiva, o que já foi dito anteriormente, respingam e embasam novos discursos. Trata-se de uma comunicação entre os discursos, o que já foi dito em determinado momento passado passa a ser reapresentado no momento atual com outra formação. Trata-se de algo que vem pela história, pela memória, pelo leque de discursos já ouvidos, em diversas vozes. A língua que vai se historicizando daqui para ali, de lá para cá, trazendo e levando sentidos.

Isso acontece porque os dizeres estão em todo lugar, ninguém tem domínio sobre eles. Cada sujeito é responsável pelos seus discursos, porém isso não significa que eles sejam de sua exclusividade. As palavras são muitas e muitos também são seus significados. A ideologia

ancorada na história e na língua do sujeito proporcionam que novos dizeres sejam recriados diariamente. Ou seja, o que é dito em outro lugar também significa em nossas palavras. O sujeito não tem controle de tudo que já foi proferido pelo mundo e não guarda exatamente em sua memória onde e como todos os discursos foram realizados, ninguém poderá ter esse domínio. O universo é enorme assim também a quantidade de sujeitos. O sujeito por sua vez tem em sua memória conceitos e teorias que foi adquirindo ao longo do tempo de acordo com a sua leitura de mundo, suas vivências, mas isso não quer dizer que ele tenha guardado tudo que já viveu. Tudo que já foi ouvido, lido e visto contribuíram de certa maneira para a à formação intelectual do sujeito, sua postura ideológica e sua produção discursiva.

O que o sujeito traz em sua memória, o já dito, servirá para a construção de novos discursos. Através do que já foi dito é que compreenderemos os motivos de determinada produção discursiva, com o que aquele determinado texto está querendo conectar, qual a relação desse sujeito com a ideologia, a que período histórico ele se remete. O que nos leva a constatar que o já dito tem uma relação direta com o que está sendo dito. Assim, o discurso é a junção de dois momentos, do passado e do atual, do já dito com o novo dito.

Eni Orlandi (2007), ao citar Courtine (1984), vai afirmar que o discurso é constituído de dois eixos, o vertical e o horizontal. O eixo vertical seria constituído do interdiscurso, onde estariam localizados todos os dizeres já ditos. E no eixo horizontal, teríamos o intradiscurso, onde estão localizados os dizeres que estão sendo colocados em produção. Ambos estão em relação. Também chamado de eixo da formulação, o intradiscurso está relacionado ao interdiscurso. Na junção dos dois eixos, temos a formulação do discurso (intradiscurso) e os elementos históricos trazidos na memória discursiva que ajudaram a construir determinado discurso (interdiscurso). Todo dizer se encontra na confluência desses dois eixos: do já dito e do que está sendo dito, e dessa mistura novos sentidos serão constituídos.

O interdiscurso é tudo aquilo que já foi formulado e já esquecido. O que já foi dito em determinado momento por um sujeito X precisa se apagar na memória de uns, para que o intradiscurso passe a realizar novos sentidos. Para que meu intradiscurso faça sentido, é preciso que o interdiscurso tenha feito sentido em outro momento. Nada está colocado por acaso, as palavras estão recheadas de significados e as junções ou ausência de algumas provocam novos sentidos.

Somos afetados historicamente pelo que já foi dito, as escolhas desses sentidos em nossas memórias ocorrem de acordo com a nossa ideologia e com o nosso inconsciente, o que nos leva a pensar porque alguns sentidos nos afetam mais do que outros. Acreditamos que as escolhas ocorrem de acordo com as experiências do sujeito, na sua relação com a língua, com

a história e com os reflexos que elas provocam em sua vivência. Podemos estar produzindo diariamente novos significados, pois as palavras adquirem e perdem significados de acordo com o momento e período histórico em que estão sendo apresentadas. A Análise do Discurso tem justamente essa proposta de analisar por que determinado discurso envolve em sua produção o sentido X em vez do sentido Y e de como o sujeito é influenciador desta escolha, que artefatos o fizeram optar por seguintes colocações em sua produção e não outros.

Diante de toda esta apresentação, é importante destacar que o interdiscurso é diferente do intertexto. O interdiscurso é da ordem do saber discursivo, é tudo aquilo que já foi formulado e esquecido que proporcionará novos discursos. No interdiscurso “fala uma voz sem nome” (COURTINE, 1984 apud ORLANDI, 2007, p.34). Já o intertexto, se refere a comparações de dizeres. Ou seja, no intertexto não há esquecimentos, mas sim comparação entre o texto tipo 1 e o texto tipo 2, por exemplo. No intertexto, o esquecimento não é estruturante como é para o interdiscurso.

A nova prática de análise, a discursiva, permite analisar verticalmente determinado texto, quais sentidos estão sendo construídos ali, porque estes sentidos nos afetam e não outros. A Análise do Discurso permite não só analisar tais sentidos, como também relacionar a outros discursos já realizados em outro momento ou no mesmo momento que poderão dispor de sentidos próximos ou contrários. Trata-se de um universo extenso de dizeres, onde o que foi dito apresenta sentido, mas o que não está sendo dito também nos fornece sentido.

Mas por que o esquecimento é tão importante para a realização do discurso? Pêcheux (1975, apud ORLANDI, 2007, p.34) aponta que há duas formas de esquecimento no discurso. O número dois é relacionado à ordem da enunciação: ao produzir um discurso, escolhemos produzi-lo de determinada maneira e não de outra, isso quer dizer que fazemos uso de palavras para dizermos o que pensamos em vez de utilizar outras, criando assim famílias parafrásticas que indicam que o que estamos dizendo poderia ser dito de outra forma. Essa ligação nos leva ao esquecimento no fato de constatarmos que aquilo que estamos dizendo só poderia ser dito desta forma, sem abrir espaço para que seja proferido com outra construção. Por exemplo, ao utilizarmos a expressão: “Proibido para menores de 18 anos”, poderíamos estar dizendo “Permitido apenas para maiores de 18 anos”, mas por que fazemos mais uso de certas palavras do que outras? Chamamos isso de esquecimento enunciativo, de tal modo que acreditamos que determina coisa só poderá ser dita de determinada forma. Os sentidos produzidos com essa maneira de dizer são diferentes daqueles que teriam sido produzidos caso tivéssemos utilizado outras palavras. O que o esquecimento enunciativo irá atestar é que a sintaxe significa: o modo de dizer não é indiferente aos sentidos. As palavras têm significados e poder. Trazendo para o

exemplo, ao utilizarmos a palavra “Proibido”, o sujeito pode estar querendo enfatizar logo no primeiro momento a negativa para aquela ação.

O outro esquecimento, chamado de número 1, seria o esquecimento ideológico. É aquele presente no inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. Trata-se da nossa ilusão em acharmos que tudo que dizemos é algo novo, mas na realidade esse algo já foi dito em um outro momento. Quando nascemos, as palavras já estão em pleno funcionamento, os discursos estão sendo construídos, não se originam em nós, portanto não há exclusividade. Por isso, o esquecimento é parte estruturante do discurso, pois faz parte da constituição dos sujeitos e dos sentidos. Os sujeitos esquecem o que já foi dito, reiterando que o esquecimento ocorre naturalmente e não é proposital, a construção de novos sentidos acaba provocando e reestruturando outros, provocando assim novas construções, originando novos sentidos, em movimento, significando em muitas e de diversas maneiras.

CAPÍTULO 2 – A IDENTIDADE INDÍGENA NO BRASIL

A Análise do Discurso absorve as questões culturais sobre as identidades culturais e a partir do seu objeto de estudo, o discurso, é possível analisar as relações sociais e as identidades formadas a partir delas. É por meio do discurso que as identidades são formadas, discursos esses que são realizados através dos sujeitos, com isso podemos afirmar que as identidades partem do processo de formação do sujeito.

A identidade, discutida na teoria social, passa a ser colocada em questão quando nota-se um declínio nas identidades consideradas estáveis. Isso não quer dizer que as identidades nunca foram estudadas, mas que vários discursos podem apresentar mudanças significativas ao longo do tempo nestas identidades. Partindo desse posicionamento, nota-se que esse declínio foi provocado pela ruptura ou surgimento de novas identidades. Sendo assim conceituada, na pós-modernidade, uma crise das identidades. Esta crise não chega a ser visualizada como algo negativo, mas como parte de uma mudança ampla que abala as estruturas e os processos centrais da sociedade. Eis aqui uma ruptura com o aspecto tradicional e estável existente no mundo social. Para estudarmos como ocorreram o processo de formação de identidades e tais mudanças, vamos precisar voltar às concepções de identidade construídas ao longo da história.

2.1 CONCEITO DE IDENTIDADE

Para melhor discutir como ocorrem tais fatos, em *A identidade cultural da pós-modernidade*, Stuart Hall (2005) nos apresenta três definições de identidade: a do sujeito do Iluminismo, a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno. Temos aqui três períodos históricos diferentes onde o sujeito se faz parte significante. O sujeito do iluminismo, possui características de sujeito unificado, dotado da razão, centrado em si mesmo. Tais fatos nasciam com o sujeito e permaneceriam em sua essência durante toda a sua existência. Ou seja, não havia interferências, este sujeito estava voltado para si mesmo. Temos aqui um sujeito que detinha identidade própria e inalterada.

O sujeito sociológico aponta aspectos relacionados ao meio em que está inserido. Ao observar ao seu redor, reflete sobre a complexidade deste mundo do qual é participante. Demonstrando ser afetado pelo exterior, este sujeito não é autossuficiente, pois reconhece que sua formação é realizada por meio de contato com outras pessoas que, em seu entendimento, lhe são importantes. Estas são importantes na construção de valores, sentidos e cultura que atinge o sujeito. A partir dessas contribuições, estamos aqui diante de um novo eu, um sujeito

interativo, que reconhece que seu “eu” é construído com a contribuição de outros fatores e não somente em si, como apresentado no iluminismo. A identidade apontada aqui é trazida da interação entre o eu e a sociedade. Em sua essência, o “eu real” é modificado a partir do momento em que ele dialoga com o mundo exterior.

Essa identidade consiste de dois espaços, o interior e o exterior, relacionando o mundo pessoal e o público do sujeito. Vale pontuar que esses fatores demonstram que estamos em um processo de formação por meio da relação de troca, colocando-nos ao mundo exterior e trazendo dele algo, fazendo que ele seja uma parte de nós. O surgimento de tais identidades estabiliza o mundo vivenciado, tornando tanto o sujeito quanto o mundo cultural que ele habita, unificados. Em outras palavras, o sujeito é formado de identidade e o seu espaço histórico faz parte desta formação.

Através do sujeito do iluminismo e do sujeito pós-moderno, visualizamos que um grande passo foi dado: a visão do sujeito, antes voltada para o interior, agora amplia-se para o que está em seu exterior. Com isso, podemos dizer que as identidades passaram a ser formadas de maneira conjunta, enraizando-se no meio social, a partir das relações sociais. Mas as mudanças não ficaram por aí, as certezas e o tradicionalismo que foram pouco a pouco sendo instaurados pelo sujeito sociológico começaram a apresentar mudanças. Mudanças essas que vão produzir o sujeito pós-moderno.

Ao ter contato com diversas identidades, este sujeito considerado estável passa a apresentar uma identidade fragmentada. A variedade de identidades que lhe é apresentada provoca em seu “eu real” concordâncias e discordâncias, o que vai refletir no sujeito pós-moderno, como aquele que não dispõe de uma identidade permanente. A identidade deste sujeito, conforme definida por Hall (2005, p.13), “torna-se uma ‘celebração móvel’: formada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”.

Essas identidades são definidas ao longo da história e não biologicamente, não nascem com os sujeitos, mas estes as constroem durante sua existência. Podendo este assumir diferentes identidades, em diversas ocasiões, ou seja, elas não são unificadas e em torno do sujeito. O sujeito está lidando com identidades contraditórias, que podem tomar diferentes direções, de uma maneira que estamos o tempo todo moldando-as, realocando-as. Não há uma identidade que permanecerá de forma absoluta e inalterada por toda uma existência. Faz parte da identidade o processo de formação e afirmar que a mesma tem características unificadas permanentemente seria uma fantasia. Estamos em um meio em que as mudanças ocorrem consideravelmente e permanecer em nosso mundo interior, concentrado somente em si, ou em

ideias fechadas, não seria possível diante da multiplicidade de identidades que poderiam nos constituir ao menos por um determinado período de tempo.

Hall (2005) apresenta outro aspecto que está relacionado a estas mudanças ocorridas na identidade: seria o processo de globalização como parte integrante da modernidade. A modernidade consiste em um espaço no qual as mudanças ocorrem de maneira constate. Todas as certezas instaladas em meio a este cenário podem ser dissolvidas, o que irá distinguir as sociedades tradicionais das modernas. Isso quer dizer que, na sociedade tradicional, há uma valorização do passado, da herança que perpassa as gerações, seria uma maneira de não deixar o que foi construído em um tempo passado morrer, este tenta permanecer inalterado em relação ao tempo atual. Já as modernas são vistas não somente como algo que está o tempo todo em processo de transformação, mas sim como aquela que reflete sobre as práticas sociais que ocorrem de maneira constante. Queremos dizer que há um motivo lógico das mudanças ocorrerem, e estas ocorrem não somente ao voltar-se para si, mas também ao olhar as transformações ocorridas em seu exterior, moldando ou refazendo as identidades vivenciadas.

A modernidade apresenta traços de mudanças em relação às sociedades mais tradicionais, ao fato de colocar algo totalmente novo ou apenas apresentar uma forma complementar a algo já instalado, sendo esta organizada a partir de princípios diferentes, o que passa o sentido de continuidade enganosa.

A modernidade seria esse processo sem fim de mudanças que ocorre ao longo do tempo, com ela houve ora a possibilidade de avanço, ora ruptura com as características mais presentes em nossa essência. As mudanças trazidas por ela acontecem de maneira profunda, colocando-se no conceito de deslocamento, estas conseguiram libertar-se do tradicionalismo, não estando ligadas a nenhuma ideia unificada. A sociedade moderna, ainda de acordo com Hall (2005), “não é como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças revolucionárias a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo” (2005, p.17). Esta sociedade é descentrada por ações que vão além de si mesma. Caracterizadas pela diferença, são construídas por diferentes divisões sociais colocando assim diferentes posições de sujeito. Este deslocamento possui características positivas, desarticulando as identidades do passado e possibilitando novas articulações. Com elas é possível não só a criação de novas identidades, mas também de novos sujeitos. Caso alguma sociedade não se desintegre totalmente, não quer dizer que ela é unificada, mas sim que seus elementos em algum momento passam a ser articulados de maneira conjunta. O fato é que as mudanças são importantes para evolução da sociedade, sem elas não seria possível que houvesse história.

Para apresentar melhor estes deslocamentos, vamos utilizar como exemplo uma cidadã brasileira, de cor branca, pertencente à classe média, que se identifica culturalmente com outras identidades, dentre elas a identidade negra. Inserida em uma sociedade que tenta combater a discriminação social, de raça e de gênero, essa mulher observa ao seu redor e detecta algumas desigualdades na sociedade sobre as quais não se sente confortável. Tais diferenças incluem o mercado de trabalho, que ainda no século XXI apresenta distinções entre atividades que deverão ser realizadas apenas por brancos, dentre elas os chamados cargos majoritários. Além das poucas possibilidades de emprego destinadas aos negros que ainda é fortemente menor do que as possibilidades dadas aos brancos. Ao observar este cenário, a mulher se sensibiliza com a situação desigual apresentada e abraça esta questão para si, participando de movimentos que lutam pela igualdade social entre todas as raças.

Esta identificação com outros grupos ocorre diante da observação que ela faz em torno da sociedade da qual faz parte, ancorada por informações e dados estatísticos que são trazidos pelas instituições de ensino, pela mídia, pelas políticas públicas, dentre outros meios. Ela, por ser mulher e branca, caso tivesse uma identidade unificada, identificar-se-ia apenas com as características que lhe cabem, tendo em vista que, historicamente, o lugar do branco foi constituído como sendo diferente do lugar do negro, assim como o lugar do homem foi constituído como sendo diferente do lugar da mulher. Assim, quando falamos de uma sociedade descentrada, estamos apontando que qualquer sujeito pode se identificar com qualquer identidade, podendo adotá-la para si sem ter que se desfazer da própria. Esta mulher pode lutar por direitos iguais para homens e mulheres, para negros e brancos, para pobres e ricos a partir do momento em que ela se identifica como pertencente a uma determinada conjuntura.

Observem que estamos lidando com várias identidades. Estamos diante de um sujeito fragmentado que, ao observar ao seu redor, adota práticas que são tradicionalmente diferentes das suas, mas que podem ser alteradas e ultrapassadas a partir do meio social do qual está inserido. Neste caso, podemos visualizar um sujeito sendo constituído pelas identidades.

As suas escolhas, passam a construir uma nova identidade para esse sujeito. Assim como vimos, na AD, o sujeito é assujeitado à ideologia, este sujeito constrói a sua identidade a partir de outros aspectos. Não é algo que nasce biologicamente com ele: o seu processo de formação social é que irá definir as identidades que ele tomará como suas. O sujeito não tem o domínio que sofre estas influências externas, pois acredita que a identidade se forma apenas em seu interior e não percebe que a relação dele com outras pessoas e o mundo interfere na construção da sua identidade.

Após ter conhecimento de como ocorreu a construção das identidades ao longo do tempo, discutiremos o conceito de identidade nacional e o modo como ele se manifesta na pós-modernidade.

2.2 IDENTIDADES NACIONAIS

Primeiramente, vamos colocar a necessidade que o ser humano tem de se apresentar como parte integrante de um todo e para isso precisa apresentar alguma identidade da qual se sente pertencente. E as culturas nacionais são os principais fatores de contribuição na formulação das identidades nacionais. Ao tentarmos nos definir, podemos nos apresentar como brasileiros ou irlandeses, alemães ou jamaicanos, enfim, tomamos esta identificação como parte de nós.

Quando nascemos, não escolhemos o nosso país de origem, quando chegamos ao mundo já estamos diante de uma cultura instalada. Essas identidades não estão geneticamente em cada um de nós, entretanto, de maneira inconsciente utilizamo-nos delas para nos identificarmos no mundo, tendo-as como parte da nossa essência. E é por meio desse nacionalismo que o cidadão pode se sentir parte de algo maior. A nacionalidade passou a ser parte necessária para o cidadão, pois, ao se sentir pertencente a uma nação, ele não se sente solitário, ele se sente membro pertencente de uma sociedade. Ao se apresentar como “brasileiro”, o cidadão traz consigo as referências daquele país, como aquele país se representa, quais são suas características, como é reconhecido. Ou seja, esta nação não é apenas uma entidade, mas sim algo que produz sentidos a partir do modo como ela se representa. Dessa forma, não temos apenas pessoas participantes de uma nação, mas cidadãos participantes da ideia que é representada em sua cultura nacional.

Estas culturas nacionais são construídas em um tempo passado, mas que de certa maneira continuam vivas na modernidade pelo fato de os sujeitos propagarem o mesmo discurso. “Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmo” (HALL, 2005, p. 50). Sentidos esses que são construídos historicamente e da identificação dos cidadãos passam a criar as identidades. Estes estão localizados nas histórias que são contadas sobre a nação e que são repassados de geração em geração, conectando o passado com o presente. Estamos diante de uma comunidade imaginada, composta por diversas nações, onde cada nação constrói, de maneira diferente, seus sentidos e discursos próprios. As identidades nacionais descendem de discursos que são disseminados a partir do momento que são assumidos e sustentados pelo sujeito.

Hall (2005) nos apresenta elementos discursivos que demonstram como se apresentam essas identidades. A narrativa da nação se forma por meio de histórias, documentos, imagens, panoramas, eventos históricos que representam experiências vivenciadas por esta nação, dentre elas, as perdas, triunfos e desastres. Elementos que fazem parte da história e mantêm viva a identidade cultural desta nação. Tais discursos nos liga ao passado e de certa maneira justifica o nosso presente. A identidade nacional está representada como primordial. Tais elementos permanecem imutáveis e presentes na verdadeira essência das coisas, ao longo de todas as mudanças. Outra estratégia discursiva significativa nesta construção são as tradições que parecem ser antigas, mas que na verdade foram inventadas recentemente, com o intuito de disseminar certos valores e normas de comportamento da sociedade. Também há a presença dos mitos, criados a fim de situar as origens de um povo, mas que ficam num passado tão distante, que se perdem no tempo. A identidade nacional também poderá ser simbolicamente baseada na ideia de um povo original. Diante de tais estratégias, Stuart Hall afirma que:

O discurso da cultura nacional não é, assim, tão moderno como aparenta ser. Ele constrói identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro. Ele se equilibra entre a tentação por retornar a glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade. As culturas nacionais são tentadas, algumas vezes, a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele “tempo perdido”, quando a nação era “grande”; são tentadas a restaurar identidades passadas. (HALL, 2005, p.56)

Ao retornarmos ao passado para podermos sustentar a identidade, o discurso nacional, apesar de se apresentar em um tempo moderno, não traz algo novo. Outra questão é que só as glórias despertam a necessidade de serem revividas, fiquemos cientes que apesar de derrotas estarem presentes na história, dificilmente elas serão postas como parte da cultura nacional. Uma comunidade tem o comum pensamento de se manter vivo algo que lhe trouxe algum tipo de honraria em dado momento histórico. Ao se retornar para algo grande vivenciado, no passado desperta-se o desejo de restaurá-lo no tempo presente, podendo ser tão glorioso na modernidade como ele foi um dia.

Uma nação busca em conjunto manter tais identidades e não deixar que elas se percam, e isso acontece de forma comunitária, onde grupos de pessoas detêm da mesma visão sobre determinado fato. Esta comunidade se constitui de três elementos: das memórias do passado; do desejo de viver em conjunto e da perpetuação da herança cultural. Esses elementos buscam unificar todos os indivíduos numa identidade nacional. Sendo assim, todos serão representados, com suas singularidades. De maneira resumida, não importa quão diferentes sejam os membros

de uma nação, seja pelo gênero, classe, ou raça, uma cultura nacional buscará unificá-los numa identidade cultural pertencentes a uma mesma unidade.

Porém, essa unificação passa a sofrer abalos que comprometerá a sua identidade cultural e um dos fatores seria a chegada da globalização. A partir do século XX, mudanças e progressos sociais apontam sujeitos que não estão tão satisfeitos com os discursos de identidade construídos e passam a apresentar uma postura contrária a eles, pelo fato de não se reconhecerem neles.

O que ocorre é, com o presente encurtamento de distâncias vivenciados na modernidade, as culturas estão mais próximas umas das outras, integrando-se em novas ligações de espaço e tempo, tornando o mundo interconectado. O que estamos querendo colocar é que uma identidade passa a não ser de conhecimento somente de determinada nação, pois a globalização realiza a sua interligação com outras nações. Assim, esta nação passa a fazer parte de outras e as outras a fazer parte da sua. Segundo Hall (2005), as possíveis consequências da globalização sobre as identidades culturais acontecem quando:

As identidades nacionais estão se desintegrando, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do pós-moderno global. As identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização. As identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades – híbridas – estão tomando seu lugar. (HALL, 2005, p.69)

Com a chegada da globalização, é possível que fatos ocorridos em um determinado lugar cheguem rapidamente às pessoas e lugares de uma grande distância. E este tempo e espaço são as coordenadas básicas dos sistemas de representação. A partir do momento em que a nação está de fácil acesso à outra, estes fluxos culturais permitem a criação de identidades compartilhadas. A medida em que as culturas nacionais se tornam mais expostas às influências externas, torna-se mais difícil manter as identidades culturais intactas ou impedir que elas se enfraqueçam. Ou seja, quanto mais vida social e acesso às outras culturas as pessoas tenham, mais desintegradas serão as nações. A globalização permite a troca rápida de informações, culturas, produtos, dentre outros, ou seja, estamos vivenciando um momento onde a população tem fácil acesso a conhecimentos sobre outras culturas. Se tomarmos por exemplo o Brasil, que possui sua identidade formada, mas recebe uma empresa internacional que se instala em seu país, esta empresa poderá trazer como funcionários alguns sujeitos de outras nações, dos quais terão contato com os cidadãos locais e esses sujeitos, tanto o que veio de fora quanto o nacional passarão a vivenciar duas culturas: aquela está constituída em seu processo de formação e

aquela da sua realidade local atual. Isso não quer dizer que os sujeitos deixaram as suas culturas, mas que também está se integrando à outra.

A partir disso, Hall (2005) vai dizer que estamos diante de uma crise de identidade, onde estas mudanças passam a refletir no modo de ver as culturas e identidades instauradas. A partir destas mudanças, as comunidades tradicionais sentem a necessidade de estarem reforçando a sua cultura, mas isso não impede que ela sofra esta crise. Temos aqui uma globalização fragmentada, onde as identidades nacionais passam a ser alteradas de acordo com a facilidade de acesso a outras culturas. Estamos diante de uma atmosfera de informações e identidades que se transpassam por todo o mundo.

2.3 A IDENTIDADE INDÍGENA

Como falar de identidade cultural sem lembrarmos da nossa, a brasileira, a qual vem sendo construída há pouco mais de 500 anos? Para falar desta, precisamos ir até onde parte dela “começou”. De maneira resumida, vamos tentar apresentar como a cultura brasileira foi construída a partir da identidade indígena. O Brasil, terra localizada no continente americano, passou a criar a sua nacionalidade a partir da chegada de europeus. Era tarde de 22 de abril do ano de 1500, quando o português Pedro Álvares Cabral colocou os pés nesta terra, com sua tripulação de mais de mil homens, que ocupavam 13 embarcações. O desembarque aconteceu no dia seguinte, 45 dias após a partida de Portugal e, em 26 de abril, foi rezada a primeira missa no território.

Ao chegarem, se depararam com os verdes das matas e um povo de hábitos que lhes pareciam inapropriados. Os portugueses se viam diante de um local diferente da civilização europeia, habitado pelos donos desse pedaço de chão, que vieram a ser chamados de índios. Os índios são considerados os primeiros brasileiros. Estimativas demográficas apontam que cerca de 5 milhões de índios habitavam esta terra antes da chegada dos portugueses. Hoje, essa população está reduzida a pouco mais de 800 mil índios em todo Brasil, segundo dados de 2010 do IBGE:

Foram coletadas informações tanto da população residente nas terras indígenas (fossem indígenas declarados ou não) quanto indígenas declarados fora delas. Ao todo, foram registrados 896,9 mil indígenas, 36,2% em área urbana e 63,8% na área rural. (BRASIL, 2010)

Mas quem é esse povo e por que foram chamados assim? Como já falamos, as terras brasileiras eram habitadas por esses sujeitos. A denominação *índio* ou *indígena*, segundo os

dicionários da língua portuguesa, significa “originário de determinado país, região ou localidade, nativo, natural de um lugar” (FERREIRA, 2000, p. 384). Eis o nome dado aos primeiros habitantes nativos do continente americano. Conforme divulgou Gersem dos Santos Luciano, em *O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje* (2006, p. 29), acredita-se que esta denominação aconteceu a partir de um “erro náutico”. Cabral, ao sair de Portugal, estava em busca das terras das Índias, na época, uma região da Ásia. Porém, por dificuldades meteorológicas, as embarcações ficaram à deriva por muitos dias, até avistarem uma região continental. Eis que estavam diante das Américas. Com isso, ao chegar nestas terras, acreditavam que estavam nas Índias. Foi assim que surgiu a nomenclatura para os habitantes encontrados nesse novo continente: os “índios” ou “indígenas”.

Esta denominação de índios dada aos habitantes nativos continua até os dias de hoje, mas os índios não se denominavam índios, esses povos tinham as suas próprias denominações, como por exemplo: o Guarani. Uma nomenclatura que ocorreu de forma genérica, por acreditar que aqui havia um povo homogêneo, pertencentes aos mesmos hábitos e cultura. Apesar de haver pontos em comum, também havia as diferenças, tais como a língua, alimentação, modo de lutar e punir os inimigos, dentre outros.

Tomando os índios como escravos, em 1530, após estudo das terras, portugueses deram início à colonização do Brasil com a exploração do pau-brasil. Em troca, os portugueses ofereciam objetos de pequeno valor que fascinavam os nativos como, por exemplo, espelhos, apitos, chocalhos, etc., mas esta colonização não aconteceu de forma pacífica.

A chegada dos portugueses e o processo de colonização provocou mudanças nesta terra desde as imposições de culturas sobre os índios, até a exploração de matéria prima, alianças e lutas entre índios e europeus, além da escravidão indígena. Vale salientar que o primeiro contato entre os povos apresentou surpresa e curiosidades em ambas as partes: os portugueses ao observarem esses nativos que viviam nus, pintados e com perfurações nos lábios, e os índios perante homens barbudos, vestidos, com mau cheiro e recheados de objetos curiosos tais como espelhos, escovas.

Este período de conhecimento entre índios e portugueses provocou a prática de escambo, com a troca de informações e matéria prima como pau brasil, por objetos desconhecidos pelos nativos. O interesse por parte dos índios pelas mercadorias apresentadas pelos portugueses não passava de curiosidade, até o momento que perceberam que aqueles objetos não apresentavam serventia perante sua identidade indígena. Passaram então a observar que aqueles que chegavam apresentavam interesses muito maiores dos quais eles estavam habituados. A partir deste momento, houve resistência por parte de alguns nativos quanto ao

processo de colonização. Alguns povos se posicionaram contra os colonizadores, outros migravam para o interior, outros se aliavam aos europeus a fim de combater seus inimigos tradicionais. Algumas tribos, a fim de conseguir mais objetos europeus, vendiam informações de onde estavam localizadas as matérias-primas de interesse dos portugueses, ou se aliavam a estes para derrotar as tribos que apresentavam mais resistência, matando ou tomando como escravos outros povos indígenas. Aos que se rebelavam, só tinha uma saída para a sobrevivência, servir aos colonos:

Os índios que sobrevivessem às guerras provocadas e aos massacres planejados e executados deveriam compulsoriamente ser forçados a abdicar de seus modos de vida para viverem iguais aos brancos. No fundo, era obrigá-los a abandonarem suas terras, abrindo caminho para a expansão das fronteiras agrícolas do país. (RIBEIRO, 1995, p.41)

No processo de colonização, os índios que viviam em aldeias, agora consideradas terras dos colonos, tomados por escravo, eram catequisados. A sua cultura própria, de adorar vários deuses, a crença pelos mortos e seus espíritos que julgavam estar presentes no mundo dos vivos, era retirada diariamente com a imposição do catolicismo trazido pelo os europeus, a fim de proporcionar a essas almas, consideradas impuras pelos brancos, a salvação. A língua nativa, que foi passada de geração em geração por meio oral, pouco a pouco ia sendo substituída pela portuguesa. Estas aldeias eram visitadas pelos padres, que se incumbiam de ensinar estes índios a ler e a escrever, contar e até aprender a tocar instrumentos musicais, como afirma Ribeiro (2006) ao citar Cardim (1980): “...há já muitos que tangerem flautas, violas, cravos e oficiam missas em canto d'órgão (...) Estes meninos falam português, cantam à noite a doutrina pelas ruas, e encomendam as almas do purgatório”. (CARDIM, 1980 apud RIBEIRO, 2006, p.185)

Visualizamos aqui um processo de imposição de uma cultura sobre a do outro. Considerados pelos brancos como animais que viviam em pecado, os índios eram domesticados à vontade dos europeus. Os portugueses pregavam uma responsabilidade sobre os nativos no sentido de lhe apresentarem a maneira correta de se portar, de que deveriam se vestir, falar a língua portuguesa, além de apresentar a salvação de suas almas a partir do momento em que aqueles teriam que entender que só existia um único Deus, o qual seria capaz de libertá-los do pecado que eles praticaram durante toda a sua história, a sua maneira de viver. Os indígenas foram forçados física e culturalmente a reprimir e negar suas identidades como maneira de sobreviver a sociedade colonial imposta.

Os primeiros povoados indígenas a perder espaço e serem dizimados foram os localizados na costa litorânea na região do Nordeste brasileiro. De acordo com Luciano (2006):

“a região foi alvo primeiro da ocupação colonial pelos portugueses. Essa ocupação violenta resultou em profundas perdas territoriais e na submissão, por absoluta necessidade de sobrevivência, aos poderes econômicos coloniais” (2006, p.42). Os índios que ali habitavam foram os primeiros a sentirem a pressão portuguesa que, na medida em que avançava, explorava as terras e destruía seus habitantes. Estes conflitos se apresentavam em todos os níveis: na disputa de território, na escravização do índio e também no biótico, pois os índios foram atingidos pelas doenças que aqueles os traziam, como aponta Ribeiro: “A branquitude trazia da cárie dental à bexiga, à coqueluche, à tuberculose e o sarampo. Desencadeia-se, ali, desde a primeira hora, uma guerra biológica implacável” (1995, p.47). Os portugueses, após muitos anos conhecendo os mais variáveis tipo de doenças, criaram uma certa resistência física a estas, diferentemente dos nativos que aqui viviam, os quais não conheciam estas pestes e biologicamente indefesos foram contaminados por esta epidemia.

Diante tais fatos, vimos que a exploração promovida pelo processo de colonização fez com que milhares destes nativos fossem mortos ou tivessem seus hábitos completamente transformados. Estes tiveram seu habitat natural invadido e pouco a pouco foram perdendo espaço entre lutas, resistências e enfermidades por conta de uma civilização que lhe foi imposta goela abaixo. Como aponta Darcy Ribeiro:

Frente à invasão européia, os índios defenderam até o limite possível seu modo de ser e de viver. Sobretudo depois de perderem as ilusões dos primeiros contatos pacíficos, quando perceberam que a submissão ao invasor representava sua desumanização como bestas de carga. Nesse conflito de vida ou morte, os índios de um lado e os colonizadores do outro punham todas as suas energias, armas e astúcias. Entretanto, cada tribo, lutando por si, desajudada pelas demais - exceto em umas poucas ocasiões em que se confederaram, ajudadas pelos europeus que viviam entre elas - pôde ser vencida por um inimigo pouco numeroso mas superiormente organizado, tecnologicamente mais avançado e, em consequência, mais bem armado. (RIBEIRO, 1995, p.49)

Vencendo o que tinha mais condições técnicas e armamentos, podemos observar que houve uma resistência por parte dos moradores destas terras em não ceder às imposições europeias, porém, esta parecia ser apenas o começo das lutas que eles enfrentariam por toda a história. Estes não entendiam a luta incessante de poder que os brancos infringiam nesta terra, avançando e explorando as matas, como podemos observar na seguinte passagem:

Entendemos que os povos indígenas, como todos os povos do mundo, tinham longas experiências de lutas e guerras tribais e intertribais, mas a diferença é que eles sabiam das razões que justificavam essas guerras, ou melhor, entendiam suas necessidades vitais para o grupo; mas não eram capazes de

entender as razões das guerras e das violências dos brancos, aquilo pelo qual os brancos estavam lutando a todo custo – os desejos de poder e de riqueza acumulada – uma vez que não faziam parte do seu universo cultural. (LUCIANO, 2006, p.202)

Felizmente, apesar de estarem ainda em condições minoritárias, os povos indígenas resistem a tamanha civilização e reforçam a sua cultura em diversos aspectos de nossa sociedade. Analisando a nação indígena, podemos constatar que ela é parte formadora da sociedade brasileira, não só porque são os primeiros habitantes desta terra, mas pelo fato de serem construtores da nação brasileira por compartilharem sua cultura, hábitos, crenças, festas, danças, culinária, e muito mais. Somos um povo mestiço, constituído não só de brancos, mas de negros e índios também. Herdamos dos índios a sua cultura, fazendo dela parte construtiva desta nação:

São povos que representam culturas, línguas, conhecimentos e crenças únicas, e sua contribuição ao patrimônio mundial – na arte, na música, nas tecnologias, nas medicinas e em outras riquezas culturais – é incalculável. Eles configuram uma enorme diversidade cultural, uma vez que vivem em espaços geográficos, sociais e políticos sumamente diferentes. (LUCIANO, 2006, p.47)

Estes povos deram contribuições significativas para a nossa sociedade, conhecimentos sobre plantas e ervas medicinais, o cultivo e aproveitamento de raízes nativas como a mandioca e batata-doce. A engenharia na construção de suas casas, canoas, jangadas e instrumentos para a caça e a pesca, além de trabalhos artesanais com cerâmica. Outro costume que praticamos no nosso dia-a-dia que herdamos da cultura indígena é o hábito de nos banhar diariamente, diferentemente dos costumes europeus. Se hoje podemos descansar em uma rede, é porque este meio foi criado por um índio. Dentre tantos outros hábitos e costumes que ainda hoje vamos aprendendo com esta cultura, o maior deles é a importância de reconhecer e valorizar a natureza, pois como pudemos ver é a partir dela que conseguimos ser quem somos hoje, é por meio desta que temos frutos, plantas, raízes, água, dentre outros elementos essenciais para nossa sobrevivência. Deste modo, não podemos afirmar que o Brasil possua uma identidade cultural única, mas sim que fomos constituídos a partir de diversas identidades, dentre elas a indígena, a europeia e a africana.

Os povos indígenas brasileiros de hoje são sobreviventes e resistentes da história de colonização europeia, estão em franca recuperação do orgulho e da auto-estima identitária e, como desafio, buscam consolidar um espaço digno na história e na vida multicultural do país. (LUCIANO, 2006, p.29)

Diante de tantas lutas e resistências para tentar manter-se vivos perante a uma sociedade, no ano de 1940, após o I Congresso Indigenista Interamericano, realizado em Patzcuaro, no México, com o objetivo de propor medidas para proteger os índios do continente americano, ficou decidido que o dia 19 de abril seria celebrado o dia do índio por toda a América. O dia 19 é mais uma homenagem aos índios, no sentido de registrar o ingresso dos índios ao congresso Indigenista Interamericano fazendo parte das discussões. No Brasil, a data foi adotada por meio de decreto Lei nº 5.540, de 2 de junho de 1943, no governo de Getúlio Vargas.

Essa data tem como principal objetivo homenagear toda a população indígena que vive e viveu em nosso país e que contribuiu para a sua formação. Na tentativa de preservar as tradições e identidade dos indígenas, o Dia do Índio surge como forma de reconhecimento deste importante povo, além de não deixar as novas gerações esquecerem das verdadeiras raízes que formam o povo brasileiro.

Após este breve resumo, conseguimos observar que a identidade indígena e assim como a sua cultura é parte da identidade brasileira que reflete em outros povos, sem ser os indígenas, a partir do momento em que discursos e hábitos são aceitos e disseminados pelos sujeitos. Conforme afirma Hall: “as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades” (2005, p. 51). Estes sentidos se construíram a partir das histórias e estudos sobre esta nação brasileira, memórias que conectam o nosso passado ao nosso presente.

CAPÍTULO 3 - DESLOCAMENTOS DISCURSIVOS NA IDENTIDADE BRASILEIRA QUANTO A QUESTÃO INDÍGENA

Diante das teorias apresentadas neste trabalho, buscaremos agora analisar como foi construída, discursivamente, a identidade indígena no Brasil a partir da chegada dos portugueses, bem como os deslocamentos sofridos atualmente por esta identidade.

A chegada dos europeus a estas terras, como vimos no capítulo anterior, provocou grandes mudanças que ocasionaram a criação da nação brasileira, mudanças essas que ao serem executadas refletiram na vida dos habitantes locais, chamados de índios. Estas mudanças ficaram guardadas nas memórias destes habitantes e também na daqueles que aqui chegaram. Tais fatos foram perpetuados de maneira oral e escrita por longos anos e são parte formadora da nossa identidade brasileira.

Porém, existem várias versões que tentam construir verdades sobre determinado acontecimento. Ao tratar sobre isso, podemos retomar que os primeiros registros físicos que trataram sobre esse momento no Brasil são escrituras portuguesas. Até os dias atuais, o documento mais antigo sobre estas terras foi escrito por Pero Vaz de Caminha, historiador que fazia parte da tripulação de Pedro Alvarez Cabral. Pero Vaz de Caminha foi responsável por descrever estas terras em uma carta que logo foi enviada à Portugal tratando do fato que acontecera: tinham chegado às “Índias”. Como dissemos, trata-se de uma versão sobre o nosso país na visão de estrangeiros, mas da versão dos nossos primeiros habitantes, temos registros? Para responder a essa pergunta de maneira objetiva, basta perguntar a qualquer brasileiro o que ele entende por índio e pelo acontecimento histórico marcado na data de 22 de abril de 1500.

As respostas para tais perguntas podem vir a ser: o índio como aquele que é nativo, aquele que é o primeiro habitante desta terra, aquele que vive em ocas, que anda nu e que pinta o próprio corpo. Sobre no dia 22 de abril de 1500, aprendemos nas aulas de história que é comemorado o “descobrimento do Brasil” e rapidamente nos lembraremos da pergunta que lhe acompanha: “quem descobriu o Brasil?”. A resposta viria a ser Pedro Alvarez Cabral. Respostas que vêm acompanhadas da imagem do índio idealizado por representações que o congelaram no tempo e no espaço. Esses discursos, construídos historicamente, estão em pauta desde que os portugueses chegaram ao Brasil, no século XV, fato que a população brasileira tomou como parte da sua identidade. Porém, hoje em dia, sabemos que não foi exatamente um “descobrimento” e que estes índios que viviam aqui, com a chegada dos portugueses, foram atravessados por diversas mudanças sociais, culturais e identitárias. Diante de tais conceitos sobre estes povos, Luciano (2006), vai dizer que:

Até pouco tempo pairava na cabeça de muitos brasileiros serem esses os “verdadeiros índios”, porque falavam suas línguas, viviam nas selvas nus e pintados e praticavam danças exóticas estranhas às danças do mundo não-índigena. Atualmente, algumas poucas pessoas menos informadas e esclarecidas ainda pensam assim, fruto da imagem pejorativa e preconceituosa de índio veiculada ao longo de séculos pela escola e pelos meios de comunicação de massa. (LUCIANO, 2006, p.41)

As mudanças ocorrem o tempo todo e as identidades podem estar em processo de recriação ou de extinção. No que se refere especificamente à identidade indígena, podemos dizer que esta passou por transformações, pois os índios de 1500 certamente não são os mesmos de hoje, eles podem estar preservando muitos dos hábitos e costumes nativos, porém estes estão inseridos em uma sociedade moderna que provoca transformações e acesso à informação diariamente. Isso não quer dizer que as tradições e as culturas indígenas estão em desuso, elas podem estar em processo de reconfiguração. Afinal, estamos no século XXI e os índios são considerados cidadãos brasileiros, aos quais são atribuídos todos os direitos dos quais goza um brasileiro não-indígena. Desta maneira, cobrar a imutabilidade das práticas e tradições indígenas desde o séc. XV até a contemporaneidade é desconsiderar a história e a cultura transpassada por todos esses anos, a partir das relações sociais e contato com outras culturas.

Pode-se afirmar, nesse cenário, que há certa resistência a estes seres em meio à sociedade, por mais que haja leis garantido seus direitos, uma vez que os preconceitos trazidos pelos não-índios, bem como pelo Estado, ainda impõem limitações sociais a este povo. Outra pergunta que poderíamos fazer é: em que momento nos lembramos do índio? A resposta talvez faça referência ao dia do índio ou ao carnaval: momento em que se busca uma fantasia ou em que se encontra alguém vestido de índio. Nas escolas, por exemplo, é comum que, no dia do índio, os professores falem superficialmente sobre este povo, vistam os alunos de cocar e pintem seus rostos. Esta maneira de celebrar o dia do índio está enraizada na educação brasileira a ponto de os alunos que hoje são pais esperarem que seus filhos sejam pintados e vestidos assim, conforme aconteceu com eles. Mas ser índio não é fantasia, estamos nos referindo a um povo, que possui sua identidade, que atribui sentidos à pintura que é realizada no corpo, ao cocar que é posto na cabeça e às danças que são realizadas. Porém, tais significados destas tradições talvez não sejam transmitidos para estes alunos ao celebrar este dia. Ações que precisam ser culturalmente praticadas para que deixemos a imagem criada na “comunidade imaginada” sobre o índio ser apenas aquele povo nativo, que vive nas matas, em ocas, nus e pintados, e passemos a observar que o índio está ao nosso lado, vivenciando as mesmas possibilidades que a sociedade oferece.

Diante de tudo que foi produzido a respeito dos índios, iremos realizar uma análise comparativa entre: a) alguns materiais destinados ao público infantil de modo geral, produzidos entre 2007 e 2018; b) e as tirinhas de Armandinho, que também têm sido usada para fins pedagógicos, veiculadas entre abril e agosto de 2018. Esta análise tem por finalidade mostrar como há, entre os dois materiais, um deslocamento no que se refere aos sentidos construídos em relação à identidade indígena produzida diante da chegada dos portugueses ao Brasil.

Dentre a imensidade de produções veiculadas na mídia, optamos por utilizar no primeiro momento produções disponibilizadas em suportes, como a revista, especificamente o gênero textual histórias em quadrinhos – HQs. Este gênero apresenta elementos básicos da narrativa como a presença de enredo, personagens, tempo, desfecho. De maneira icônica e verbal, as histórias são narradas por meio de desenhos, quadros, balões e legendas. As revistas de desenho e pintura também podem vir a apresentar uma história por meio das imagens apresentadas, a diferença se encontra nas imagens já que não possuem cor, deixando o público à vontade para colorir. Também utilizaremos uma imagem publicitária, utilizada na internet, para informar ao público alvo sobre a celebração de determinada data comemorativa. A escolha destes materiais ocorre diante da forma como os índios são apresentados no cenário do descobrimento do Brasil. Já no segundo momento, utilizaremos o gênero textual tiras ou tirinhas. A escolha pelas tirinhas de Armandinho se deu pelo fato de as mesmas apresentarem um deslocamento discursivo referente à construção da identidade indígena (no cenário da chegada dos portugueses e atualmente). As tirinhas são exemplos de manifestações discursivas, também colocadas em formato de história em quadrinhos, porém se apresentam de maneira mais curta, composta por no máximo quatro quadrinhos. Estas costumam abordar de forma crítica questões sociais e causas políticas. Geralmente utilizando personagens fixos, as tirinhas possuem produções voltadas para o humor e podem ser encontradas em jornais, revistas, livros, sites de internet, redes sociais, dentre outros.

3.1 UM POUCO DA HISTÓRIA DE ARMANDINHO

O personagem de tirinhas Armandinho existe há aproximadamente 8 anos. Surgiu em 2010 criado pelo jornalista e ilustrador Alexandre Beck, do qual foi solicitado que fizesse três tiras para uma matéria de economia do jornal *Diário Catarinense*. Estas tirinhas iriam compor uma matéria que tratava sobre conteúdo de economia discutido entre pais e filhos. Sem pretensão alguma de atingir o sucesso e ainda sem nome fixo, surgiram os primeiros traços deste personagem. Esta criação, que conquistou considerável empatia nas redes sociais, hoje

também pode ser encontrada em livros e remete a uma criança genuinamente brasileira. Armandinho é filho único, mora com seus pais e possui um animal de estimação um tanto incomum: um sapo. As tiras promovem críticas a partir do olhar sincero de uma criança, oferecendo histórias que retratam a vida de uma criança em contato com seus pais, amigos e o mundo no qual está inserido.

As produções são voltadas para questões sociais e ambientais, recheadas de humor e sátira. Esse pequeno menino curioso de cabelos azuis, por meio de seus questionamentos, ajuda crianças e adultos a serem pessoas mais conscientes. Hoje, as tirinhas de Armandinho atraem cerca de 920 mil seguidores no Facebook e já podem ser encontradas em livros, além de compor livros didáticos e servir como material auxiliar em atividades e provas nas escolas.

3.2 ANÁLISE COMPARATIVA

3.2.1 Material destinado ao público infantil

O primeiro material escolhido para análise foi produzido em 2012 para um blog chamado “Gente Miúda”, o qual disponibiliza material para a educação infantil. Trata-se de uma revista de pintura que tem por objetivo proporcionar à criança um momento interativo, alfabetizando-a por meio de imagens que deverão ser coloridas. Vejamos a capa da revista:



Figura 1. História - O descobrimento do Brasil ¹

¹ Disponível em <<https://www.pragentemiuda.org/2012/04/revista-historia-do-descobrimento-do.html>>. Acesso em: 20 set. 2018.

Ao analisar a capa deste material, a imagem nos mostra na primeira leitura um discurso verbal já enraizado na história: “O descobrimento do Brasil”, reproduzindo uma verdade cristalizada historicamente de que o Brasil foi descoberto com a chegada de povos estrangeiros ao Brasil. Outro ponto que é importante destacar nessa imagem está marcado nas figuras, mais precisamente nos rostos e expressões dos personagens, tanto os portugueses quanto os índios. Se tomarmos este momento como a representação da chegada dos europeus, ele está sendo representado de maneira muito harmoniosa, pois ambos os lados demonstram alegria com este encontro. Ao analisar a imagem, observamos que os europeus, ao abrir os braços, demonstram felicitações, exprimem trazer boas novas, comportando-se como se sua chegada trouxesse a salvação, oferecendo ajuda, anunciando a sua chegada e com isso o fim de todo mal ou sofrimento que poderia existir, como se aqueles que aqui se encontravam estivessem perdidos, solitários, precisando de ajuda.

A própria fisionomia dos índios também demonstra esta alegria em estar recebendo esses povos com características muito diferentes das suas. Podemos dizer que a curiosidade de ambos possa ter realmente existido, mas a felicidade que a imagem estampa, como vimos no capítulo anterior, pode não ter sido exatamente assim, pelo fato de serem diferentes, de ser algo novo, estranho daquilo a que estavam habituados. E ainda tem o modo de demonstrar, além da felicidade dos índios às margens da praia, a espera: os índios não estão concentrados em suas atividades rotineiras, seja caçando, dançando ou pescando, a imagem demonstra a espera dos índios, expostos na beira da praia, contentes com estes que chegam. Ainda podemos observar nas representações dos índios o posicionamento das mãos: as mãos estão sendo postas para o alto ou em direção à embarcação que vem em sua direção, o que transparece que os índios realmente estavam aguardando este momento e estavam alegres com isso.

Possivelmente, a história real possa ter acontecido de outra forma, com os índios escondidos em meio à mata, armados, observando de longe que tipo de estranhos eram esses que chegavam, não com o objetivo em agredir o outro no primeiro contato, mas com cautela em procurar entender do que se tratava. Ora, como vimos, os índios se rebelavam contra outras tribos, não eram povos que viviam harmonicamente com todos os outros, cada povo indígena detinha de seus costumes e regras. Assim, por que com a chegada dos europeus eles iriam facilmente recebê-los de mãos abertas como se os conhecessem ou tivessem esperado por isso a vida toda? Diante da leitura deste material, podemos constatar que este enunciado foi produzido tendo como suporte uma verdade historicamente construída sobre a chegada dos europeus, a qual se perpetua no discurso de muitos brasileiros.

Estas histórias nos são repassadas de diversas maneiras, seja pelos nossos pais, por familiares ou por professores quando adentramos ao meio escolar e, atualmente, podemos obter tais informações por meio da internet. Como já discutido nos primeiros capítulos, quando chegamos ao mundo, as informações já estão postas, a partir disso somos absorvidos por estas ideologias. Diante desta imagem, podemos observar que, apesar de se ter passado bastante tempo, a visualização que temos de que os portugueses foram os grandes “salvadores”, responsáveis por colocar o Brasil no mapa e apresentar todas as oportunidades civilizadas ainda é muito forte. Por mais que saibamos que as coisas não aconteceram de maneira tão benéfica, essas concepções construídas no passado ainda continuam a ser repassadas na cultura escolar e em toda sociedade brasileira. Estes fatos passam a ser reforçados com o propósito de manter as identidades nacionais inalteradas, apresentando resistência à globalização. Para falar melhor sobre isso, utilizaremos outro exemplo:

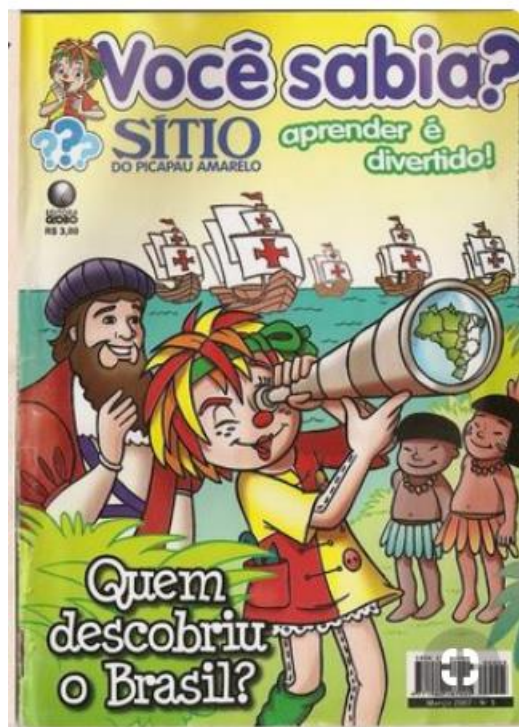


Figura 2. *Sítio do Picapau Amarelo*²

Neste material, produzido e publicado no ano de 2007, na edição *Você Sabia?* da revista *Sítio do Picapau Amarelo*, observamos outra maneira pedagógica de apresentar o fato histórico no Brasil. A imagem traz o enunciado verbal: “Quem descobriu o Brasil?”, remetendo ao

² Disponível em: <<https://www.ebah.com.br/content/ABAAABrigAJ/hq-descobrimiento-brasil-sitio-pica-pau-amarelo>>. Acesso em: 20 set. 2018.

momento da chegada dos portugueses no Brasil. Esta revista de quadrinhos dispõe em sua capa de imagens mais soltas, mas também demonstra o índio com traços felizes. Traços esses que foram construídos a partir dos brancos ao chegarem a estas terras, acreditando que estavam trazendo melhorias ao Brasil e aos nativos.

Dando continuidade à análise da imagem, temos a presença da personagem do *Sítio do Picapau Amarelo*, a boneca de pano, Emília, com uma luneta nas mãos, um instrumento de observação de longa distância, com objetivo de visualmente aproximar o alvo. Na lente deste objeto, observamos em destaque o mapa do Brasil e com um brilho maior, em branco, destacam-se as terras brasileiras onde os portugueses tiveram o primeiro contato. Atrás de Emília, temos a figura de um homem que poderia ser a representação de Pedro Alvarez Cabral, aquele navegador que descobriu estas terras, sua imagem dispõe de traços simpáticos, onde o personagem sorri e acena com a mão direita para os índios que se encontram na margem. Atrás da figura de Cabral, há a representação de cinco caravelas, o que remete a uma fração da extensa tripulação que compunha aquela expedição. Como já citamos há pouco, os dois índios que estão na imagem, com trajes seminus, estão sorrindo, demonstrando felicidade com este momento.

Esta imagem de que os índios e os estrangeiros viveram este momento de maneira harmoniosa ainda parece estar cristalizada nas memórias dos brasileiros, após 500 anos de mudanças no Brasil. Este material de 2007 mostra como muitos brasileiros ainda recontam este momento, mesmo tendo vários estudos a respeito sobre esta invasão. O primeiro contato pode sim ter sido harmônico, sem guerras e imposições, mas certamente a história não foi apenas: “O Brasil foi descoberto por Pedro Alvarez Cabral” ou que aqui viviam muitos índios e com a chegada dos portugueses eles tiveram contato com a civilização. Como vimos no capítulo anterior, houve imposições, lutas, massacres, escravidão, para que Portugal tomasse o Brasil para si e comandasse todos que aqui estavam conforme a sua vontade. A ingenuidade dos índios perante desconhecidos que no primeiro momento demonstraram friamente traços amigáveis, logo foi substituído pelas verdadeiras intenções que eles traziam de exploração e poder.

Mas por que, em pleno século XXI, ainda temos construções que insistem em manter as mesmas características sobre este momento? Estamos diante de nossa identidade nacional, que apesar dos deslocamentos, ainda tenta se manter viva em nossas memórias de acordo com a maneira como foi construída no tempo passado. De acordo com Hall (2005): “os elementos essenciais do caráter nacional permanecem imutáveis, apesar de todas as vicissitudes da história, está lá desde o nascimento, unificado e contínuo, ‘imutável’ ao longo de todas as mudanças, eterno” (HALL, 2005, p.53). Diante desta passagem, podemos analisar por que ainda se trabalha tanto com a nomenclatura “descobrimento” ao se referir a este momento. Pois

esta história foi construída pelos brancos e estes a chamaram assim, como uma forma de demonstrarem superioridade para as outras nações, tomando uma terra para si, apresentando ao mundo suas conquistas e conseqüentemente aumentando o seu poder financeiro. Desde então, ao relembrarmos este momento e reproduzirmos discursos que reforçam tais sentidos, conforme construídos no passado, estamos reforçando este posicionamento. Talvez, se a mesma história tivesse sido construída na visão dos índios, tivéssemos outra memória.

Neste próximo exemplo, iremos analisar como o catolicismo é retratado juntamente a este momento até os dias atuais.



Figura 3. Canção Nova ³

Analisando a imagem, observamos que se trata de uma celebração eucarística, onde estão presentes, de acordo com as vestimentas atribuídas aos personagens, frades franciscanos, portugueses e índios. Esta pode ser uma representação da primeira missa celebrada no Brasil, quatro dias após o seu descobrimento, como maneira de celebrar o domingo de páscoa daquele ano, na localidade de Porto Seguro, na Bahia.

Atentemos às posições dos índios nesta imagem divulgada no site de uma comunidade católica no Brasil, *Canção Nova Kids*, no dia 22 de abril de 2017. Além do enunciado verbal “22 de abril – descobrimento do Brasil”, fortemente discutido até aqui, a imagem transmitida

³ Disponível em: <<https://kids.cancaonova.com/sem-categoria/descobrimiento-do-brasil-2/>>. Acesso em: 21 set. 2018.

tem um significado muito forte, principalmente para a cultura indígena. Os índios estão ajoelhados adorando um Deus que não pertence à sua cultura, mas sim a dos brancos que, ao chegarem aqui, trataram os índios como primitivos, julgando-os impuros e pregando que suas almas deveriam ser salvas pela igreja católica. Assim, observamos que foram imputadas características aos índios que não lhe eram naturais, retratando o índio como pertencente a este meio. Ao voltarmos para a imagem, podemos destacar também a distância que os índios estão da cruz, por mais que a imagem queira retratar este momento de celebração com a presença de distintos povos adorando o mesmo Deus, há um ato falho que nos confirma o que dizemos anteriormente: este ambiente não pertence aos índios. Observemos que, na imagem, eles são os que mais estão distantes da cruz, os demais personagens aparecem mais próximos, no primeiro nível, e os índios se encontram atrás, mais afastados. Os gestos que eles produzem pode ser uma imitação dos que eles veem os outros fazerem. Um dos índios está com uma das mãos estendida e a cabeça abaixada como se soubesse ou estivesse habituado ao significado que este movimento transmite para a igreja católica durante a oferta eucarística. Como fizesse parte das tradições da igreja católica, o ato demonstra uma maneira de agradecer, reverenciar o pão que simboliza o corpo de Cristo.

Como vimos, o catolicismo não fazia parte da identidade indígena, os nativos tinham seus próprios deuses, elementos da natureza, como a lua, o sol, e não a imagem Cristã conhecida pelos brancos. A imposição da religiosidade neste período foi bastante forte com intuito de aproximar estes povos aos estrangeiros. Os estrangeiros, ao afirmarem que os índios possuíam hábitos pecaminosos, como viver pelados, estariam com suas almas condenadas e a única maneira de conseguir a salvação seria ser catequizados pelos jesuítas. O que nos leva a refletir sobre a representação do índio nesta imagem datada de 2017.

Não podemos afirmar que hoje, na sociedade pós-moderna, não existam índios adeptos ao cristianismo, afinal, a cultura indígena passou por mudanças severas ao longo destes 500 anos, porém, ao analisarmos esta figura como referência ao momento de 26 de abril de 1500, podemos afirmar que estas posições harmoniosas de adoração como os indígenas estão sendo representados, prostrados perante uma cruz, não é de total verdade.

Com o intuito de finalizar este momento de materiais que apresentam a manutenção de um discurso historicamente instituído justamente pelo poder dos europeus, apresentamos a *Revista da Turma da Mônica*, na qual também observamos leituras que remetem a uma convivência harmoniosa entre os índios e os estrangeiros, como podemos observar nas imagens anteriores, mas o que gostaríamos de destacar nesta publicação é o ano de sua publicação: abril de 2018. Isso demonstra que os conceitos de descobrimento ainda estão presentes em materiais

atuais. Há aqui uma insistência em se manter a história intacta, em se manter a visão dos brancos sobre este momento.

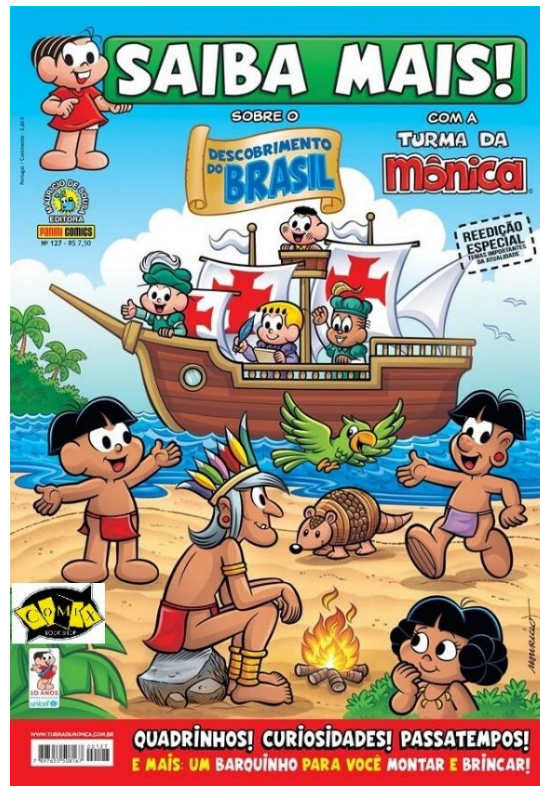


Figura 4. Turma da Mônica⁴

Neste material, visualizamos a caravela de Pedro Alvarez Cabral chegando às terras indígenas com quatro personagens da turma da Mônica sendo parte da comitiva. Às margens da praia, há personagens indígenas entretidos com os seus afazeres diários. Em meio a este cenário, há animais característicos da fauna brasileira, como o tatu e o papagaio, animais que não estiveram presentes nos materiais anteriores aqui analisados. Todos os personagens, tanto os que representam os portugueses quanto os que representam os índios, estão com traços alegres. Mais uma produção que reforça o que viemos analisando: o fato de o descobrimento estar ligado a conceitos positivos, harmoniosos, que devem ser celebrados.

Esta reedição especial não foi novamente posta no mercado por simples volume, é uma edição de abril, mês em que se comemora o “descobrimento do Brasil”. É mais uma oportunidade de reforçar e de trabalhar na manutenção dos sentidos construídos sobre este importante acontecimento da história, não deixando que eles se percam. Esta nomenclatura está tão enraizada na nossa sociedade que até uma simples busca ao calendário anual, sobre o que é

⁴ Disponível em <<http://www.rota83.com/turma-da-monica-colecao-voce-sabia-indios.html>>. Acesso em: 21 set. 2018.

celebrado no dia 22 de abril, lá estará escrito: “Descobrimento do Brasil”. Porém, a pós-modernidade, como veremos a seguir, nos apresentará um novo olhar sobre estas datas e fatos, nos levando a refletir sobre nossas identidades culturais.

3.2.2 Tiras de Armandinho

Em 5 de abril de 2018, a página *Tiras de Armandinho*, no Facebook, iniciou uma apresentação de uma série de tirinhas que englobam o dia do índio e o dia do descobrimento do Brasil, vejamos o que elas nos apresentam:



Figura 5. Armandinho ⁵

A tirinha traz a imagem do menino Armandinho comentando com seu pai o que aconteceu no seu dia de escola, ao lado do seu fiel escudeiro, o sapo. No primeiro quadro, Armandinho apresenta a seguinte fala: “Dia 19 de abril não vamos fazer cocar ou pintar o rosto...”. Este discurso vem acompanhado de uma imagem do garoto em que demonstra uma surpresa ou até desapontamento. Este, que se localiza na frente do seu pai, direciona a cabeça para frente de modo reflexivo. É importante pontuar que os personagens adultos nas tirinhas de Armandinho não são apresentados de corpo total, mas apenas as pernas, com características referentes a cada gênero ou profissão, que deseje ser retratada. Isso ocorre com o objetivo de destacar as atividades e posicionamentos das crianças trazidas nas tirinhas. Mas isso não quer dizer que se trata de um material direcionado apenas ao público infantil, ao contrário, é um material direcionado a todos os públicos, com o objetivo de não deixar que as pessoas esqueçam como é ser criança e de coisas que desaprendem com o tempo, por exemplo, questionar os fatos.

Dando continuidade à tirinha, na segunda parte, Armandinho dá sequência à sua fala: “A escola convidou um representante indígena pra conversar conosco!”. Acompanhado de uma

⁵Disponível em <<http://www.rota83.com/turma-da-monica-colecao-voce-sabia-indios.html>>. Acesso em: 21 set. 2018.

imagem que expressa o menino falando e olhando para cima, em direção ao pai, com o sapo à sua frente, que continua a lhe observar, conforme também representado no primeiro momento. Até aí não sabemos se esta novidade pareceu ao menino ser positiva ou negativa. Iremos ter o resultado no terceiro quadrinho quando ele diz: “É ou não é maravilhoso?”. Apresentando um semblante feliz e se direcionando ao pai ao inclinar a cabeça para cima, a figura demonstra que o menino, neste momento, pede o apoio do pai, por meio do questionamento, se o mesmo não concorda com essa nova atitude vinda da escola. Da representação do pai não obtivemos nenhuma resposta nesta tirinha, o mesmo não apresentou nenhuma fala ou mudança de expressão corporal. Já o sapo, esboça um sorriso com a empolgação transmitida pelo garoto e pela notícia recebida. Vale destacar que a palavra “Maravilhoso”, utilizada na fala, se encontra em destaque, ela se apresenta sozinha em um tamanho de fonte maior do que as demais, uma maneira apresentada nas tirinhas de enfatizar a entonação, o que nos leva a refletir que realmente o garoto está feliz com esta notícia. Trata-se de algo novo para as vivências deste garoto. Acreditamos que este seja o primeiro contato da criança com povos indígenas.

Diante da leitura desta tirinha, temos uma mudança de conceitos e visões. A tirinha promove uma reflexão sobre como celebramos o dia do índio. Será que pintar o aluno, vestir um cocar ou apenas pedir que eles pintem uma figura do índio, já transmite para os alunos do que se trata o povo indígena, a cultura indígena ou as contribuições deste povo para a identidade brasileira? A partir do momento em que a sociedade abre espaço para que esses povos se manifestem, apresentem as suas concepções, dialoguem com os demais povos, estaremos provocando uma sociedade unida, com menos preconceitos, que buscam respeitar o outro, a partir do conhecimento. Quando os educadores tomam esta atitude de levar até os alunos um exemplo do que está sendo falado, trabalhado na sala de aula, os alunos passam a construir sentidos sobre determinado assunto. Estimulando os alunos a construírem suas próprias opiniões, e não apenas sendo meros espectadores de dados que lhe são repassados verticalmente. A partir do momento em que você convida um povo a dialogar com outro, você oferece dois posicionamentos que poderão construir significados, o aluno então tem o direito de construir sua identidade, mostrando que o tempo de imposição de algo já passou. Trata-se de uma quebra de estereótipos, onde busca-se aceitar a diversidade cultural que existe neste país.

A tirinha traz um deslocamento conceitual quanto a representação indígena, trazendo o índio para o centro da discussão e não como algo que complementa uma informação ou imagem. Como demonstramos no material anteriormente analisado, na imagem que representa a missa divulgada pela Canção Nova, os índios aparecem em segundo plano, afastados dos

demais personagens, já nesta tirinha apesar dos índios não serem representados visualmente, o enunciado posto os põe como o centro da discussão, dando voz e espaço para serem ouvidos.

O mesmo acontece nesta próxima tirinha, datada de 17 de abril de 2018, graficamente não há representação do índio, porém a sua presença vem fortemente marcada no enunciado do personagem, vejamos:



Figura 6. Armandinho ⁶

Ao analisar esta tirinha, observamos um possível abalo àquilo que historicamente foi construído como sendo a identidade brasileira. A publicização da tirinha nesta data não é mera coincidência, dia 17 de abril, próximo, portanto, ao dia do índio, comemorado em 19 de abril, e do dia da chegada dos portugueses no Brasil, celebrado dia 22 de abril. O autor disponibiliza o material com intuito de retomar uma memória histórica trazendo para o período atual com um novo posicionamento sobre ela, provocando assim sua ressignificação.

De acordo com o ambiente retratado na imagem, possivelmente trata-se de uma sala de aula, nesta, o personagem Armandinho questiona, provavelmente o educador, sobre a visão dos índios sobre o fato histórico “descobrimento do Brasil”.

O semblante do personagem Armandinho exibido na primeira imagem demonstra uma passividade, uma atenção ao que está sendo dito. Logo em seguida, no segundo quadrinho, o semblante torna-se de surpresa, dando suporte à sua fala: “como assim?!”. Este espanto logo é justificado no terceiro quadro com a fala realizada pelo personagem: “e a versão dos índios?!”. A fala é acompanhada de uma imagem de Armandinho com a boca bem aberta, como se estivesse expressando em alto e bom som seu desejo de saber mais sobre tal fato. Analisando esta sequência, podemos afirmar que o sujeito demonstra incômodo com o que acabou de escutar e deseja saber mais sobre tal fato, inclusive ter conhecimento de outra versão para, por si próprio, analisar a situação. Armandinho não se contenta apenas com o que está sendo posto,

⁶ Disponível em:

<<https://web.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/1917493591629271/?type=3&theater>>. Acesso em: 25 set. 2018.

para este sujeito, há algo a mais nesta história que não foi contado e para isso será necessário ouvir a versão da segunda parte participante deste momento, os índios.

A mensagem que a tirinha provoca é que há e é justo que as pessoas tenham conhecimento que há um outro lado dessa versão, e não se satisfaçam somente com a versão europeia, que lhe foi posta, onde conta sua grandiosidade em se dispor a civilizar um povo desconhecido.

A próxima tirinha que se apresenta nesta sequência demonstra ser uma resposta para a pergunta levantada na tira anterior.



Figura 7. Armandinho⁷

Veiculada no dia 18 de abril, esta nova tirinha aponta o posicionamento indígena sobre o espaço em que vivem, em que viveram, sobre suas origens. Ao analisar a imagem visualmente, notamos um personagem indígena acompanhado de um cachorro e Armandinho do sapo: eles se encontram e se posicionam um de frente para o outro. O índio, ao responder a Armandinho, demonstra surpresa com o que acabou de saber pela sua avó, e Armandinho permanece com a imagem inalterada nos dois quadrinhos, demonstrando uma tristeza, sem saber o que dizer após a informação recebida. Já a imagem do sapo se movimenta suavemente, voltando-se para o índio, e reforça o semblante de tristeza com o que acabou de escutar.

A fala do personagem indígena – “perguntaram se a terra era nossa... e minha avó disse que não! Por isso expulsaram a gente!” – demonstra a visão dos índios sobre as terras em que viviam. A terra que eles achavam que era deles, que achavam que era o seu lar, na verdade não lhe pertenciam, caso contrário, não teriam sido expulsos. Estes índios, com tal acontecimento, passaram a se sentir apenas pertencentes àquela terra. Concepção que nos levará a refletir sobre a questão da demarcação das terras indígenas, prometida por tantos governos e nunca posta em

⁷ Disponível em

<https://web.facebook.com/tirasarmandinho/posts/1918332428212054?comment_tracking=%7B%22tn%22%3A%22O%22%7D>. Acesso em: 25 set. 2018.

prática. Além da sabedoria, valorização e respeito com a natureza que a cultura indígena tanto prega, estes são filhos desta terra, filhos da natureza, porém não são donos de nada, são apenas parte pertencente de todo este universo. Mas como podemos apontar que tal fala na tirinha trata de uma fala indígena? As características trazidas no personagem retomam a imagem de índio que ficou enraizada em nossas memórias. Além da tonalidade de cor da pele ser divergente das dos brancos europeus, ou até mesmo do personagem principal, Armandinho, a representação indígena nesta imagem dispõe de pintura no rosto, com cabelos de cor preta, lisos e com corte reto, conforme tantas imagens de índios que são repassadas há centenas de anos. A imagem também traz Armandinho com um cocar na cabeça, o que poderíamos analisar como uma ofensa à cultura indígena, já que discutimos que tais componentes desta cultura não devem ser tratados como “fantasias”. Mas acreditamos que o uso deste, nesta imagem, tenta mostrar o posicionamento de Armandinho ao se sentir também pertencente a este povo, abraçando as suas lutas para si.

No segundo quadrinho, o índio e o cachorro se voltam para trás, este movimento demonstra o fato de voltar ao passado, olhar para algo que aconteceu. E o personagem indígena apresenta a fala: “aquela terra nunca foi ‘nossa’... nós que somos daquela terra!”. A palavra *nossa* vem acompanhada de aspas como uma maneira de destaque, o que pode se referir ao que algumas pessoas possam vir a pensar ou até os índios pensaram por muitos anos até a chegada dos portugueses, que estas terras eram deles, como *Armandinho* poderá ter imaginado, pelo fato de que a terra já estava habitada quando os portugueses chegaram. Porém, após este momento e como a história conta, estas concepções foram alteradas, levando os índios a considerarem que estas terras nunca lhe pertenceram, mas sim, eles que fazem parte destas terras.

Nesta próxima tirinha, veiculada no dia 19 de abril de 2018, podemos observar o momento da visita do representante indígena à escola. Diferentemente da anterior, onde se apresenta um personagem criança, esta tirinha traz um índio adulto.



Figura 8. Armandinho ⁸

Ao avaliarmos visualmente, podemos ter alguma dificuldade para encontrarmos este índio, pois sua representação é feita de uma maneira com a qual não estamos habituados. No primeiro momento da tirinha, observamos crianças sentadas em seus assentos na sala de aula, atentas a alguém que está em sua frente. O primeiro quadro apresenta a fala: “obrigado pela oportunidade”, o que nos faz entender que alguém foi convidado a falar naquele ambiente. No segundo momento, o enunciado verbal apresentado – “estou aqui em nome de muitos povos e culturas...e mais de 250 línguas ainda faladas neste país” – é complementado pela imagem que mostra as pernas de uma pessoa em pé. Pela fala apresentada e as características trazidas na imagem, percebemos que se trata de um índio que agradece a oportunidade de falar, algo que foi proibido por muitos anos entre lutas e desmatamentos, pela exploração ocasionada pelos estrangeiros. Este índio se apresenta de uma maneira diferente da imagem que a maioria da população tem sobre esse povo. Aqui, ele não se encontra nu, nem coberto por plumas, ele está vestido como qualquer outro ser humano que vive na sociedade. Esse índio está inserido na nossa sociedade e não é porque ele tem suas raízes culturais de uma forma, que ele vai sair por aí sempre da mesma maneira.

Como vimos, a identidade cultural está em pleno processo de comunicação, provocando assim deslocamentos. E desde a chegada dos portugueses, esta nação vem passando por mudanças sejam elas boas ou ruins. O índio da imagem veste uma bermuda e está calçando um tênis, se até aí não tivesse mais nenhuma característica, dificilmente identificaríamos visualmente que se trata de um índio, diante a imagem cristalizada que temos em nossa sociedade sobre este povo. Mas a identificação está nas pernas que apresentam pinturas geométricas, o que demonstra as suas raízes culturais.

⁸ Disponível em:

<<https://web.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/1919276201451010/?type=3&theater>>. Acesso em: 25 set. 2018.

Este índio é um dos muitos que convivem conosco na nossa sociedade, mas como temos uma imagem já formada em nossas mentes que índios só podem ser de determinada forma, não percebemos que eles estão mais presentes do que parecem. O terceiro e último quadrinho finaliza a tirinha com a fala: “e que apesar disso são invisíveis e não tem voz”. Apoiados na imagem das crianças, que agora demonstram traços de espanto em seu semblante. Estes traços estão presentes na primeira menina da fileira e no último, o *Armandinho*, porém, a criança do meio permanece com a aparência passiva da primeira imagem, talvez por se tratar de uma criança negra e vivenciar em sua cultura semelhanças com a indígena, no quesito de serem vítimas de preconceitos por parte dos povos brancos.

As crianças demonstram surpresa diante da quantidade de línguas presentes no país, o que não era do conhecimento delas e acredita-se que não seja de conhecimento de boa parte da população brasileira. O discurso apresentado também provoca espanto e reflexão para buscar entender o porquê de estas línguas não serem ouvidas, o que as impede de falar, ou quem? Que repressões as calaram em meio a sociedade que se instalou a partir de 1500?

Esta tirinha provoca a reflexão sobre a falta de interesse do povo brasileiro em tamanha riqueza cultural do seu povo, dos povos que estão dividindo o mesmo espaço, dos primeiros povos destas terras que até hoje tentam sobreviver ao meio de tanta imposição e repressão.

Finalizando esta análise de tirinhas, apresentamos um último quadro, que envolve esta temática, o qual foi disponibilizado em agosto do corrente ano:



Figura 9. Armandinho ⁹

No primeiro quadro, temos o personagem Pudim, apresentando a fala: “esses imigrantes são um problema, né, Armandinho?”. O enunciado vem acompanhado da imagem onde os personagens Pudim e Armandinho estão posicionados um de costas para o outro. Pudim possui expressão de alguém que está questionando algo em um tom um pouco acima do habitual,

⁹ Disponível em

<<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/2098530776858884/?type=3&theate>>. Acesso em: 25 set. 2018.

enquanto o Armandinho apresenta uma aparência passiva. No segundo quadrinho temos a resposta de Armandinho com a seguinte fala: “não sei, Pudim... mas sei quem pode responder!”. Armandinho se volta para olhar na mesma direção que o colega Pudim, demonstrando interesse com a questão. Porém, as expressões dos rostos são outras: Pudim neste momento apresenta-se passível e com um olhar tensionado na mesma direção e Armandinho com a boca semiaberta aparenta surpresa ou estar em um momento reflexivo sobre determinada questão. No terceiro e último quadro, Armandinho diz: “Moacir, por favor”. A imagem demonstra Armandinho acompanhado de Pudim em busca do colega Moacir, o qual poderá, segundo Armandinho, responder o questionamento de Pudim. Moacir é uma criança com atributos que remetem à cultura indígena, com pintura no rosto, penas coloridas na cabeça e na orelha.

Diante da forma como é finalizada esta tirinha, verificamos o novo sentido que o autor quer construir, ao voltar-se para os habitantes desta terra no momento em que eles entraram em contato com os estrangeiros, a fim de verificar se eles os caracterizaram como um problema, assim como o personagem Pudim caracteriza como problema a chegada dos Venezuelanos.

Após analisar as tirinhas de Armandinho e as pondo em comparação com o material anteriormente analisado, podemos observar a presença de um descolamento discursivo sobre a nossa identidade nacional. As produções anteriores, de maneira pedagógica, tentam reforçar os discursos produzidos historicamente acerca dos acontecimentos nacionais, conforme eles foram disseminados desde 1500, por meio da visão dos brancos. Já as produções trazidas nas tirinhas de Armandinho produzem outros sentidos ao analisar os mesmos fatos de ontem que passam a ser retratados no tempo atual.

Esses deslocamentos, conforme aponta Hall (2005), são reflexo de uma crise de identidade. A partir do momento em que passamos a questionar as construções colocadas como fixas e que foram adotadas por nós, nos afastamos do conceito de sujeito integrado e nos aproximamos do conceito de sujeitos fragmentados. O objetivo desta discussão não é substituir a construção histórica herdada dos brancos, mas avaliar que novas possibilidades estão sendo colocadas ao se remeter a ela, afinal, como estudado aqui, os brancos são parte formadora da nossa nação, assim como os índios. O sujeito, ao perceber as diferenças, começa a elencar pensamentos e aspectos que possam se afastar da identidade nacional perpetuada em nossa nação.

Quando as revistas ou anúncios demonstrados aqui trazem, em sua chamada, o “Descobrimento do Brasil”, não quer dizer que eles estão apresentando em seu enunciado algo errado, apenas estão reforçando, por meio do discurso já enraizado, o momento da chegada dos estrangeiros ao país, fato histórico anualmente recontado nas aulas de história e celebrado no

dia 22 de abril. Se, ao analisarmos a palavra *descobrimento* e a situação em que ela foi transmitida pelos estrangeiros, podemos fazer a leitura que, para eles, realmente houve aqui um descobrimento, no caso o uso desta nomenclatura estaria correta, mas se avaliarmos pelo outro lado, o dos índios, podemos obter uma concepção ligada à invasão. Estes sentidos vão depender da ideologia trazida pelo sujeito que produz estes discursos. A ideologia do sujeito que apresenta o discurso que o Brasil foi descoberto é diferente da que questiona tal fato, porém ambos se utilizam do interdiscurso para que suas palavras façam sentido hoje.

Dentro de tais discursos, temos atos falhos que acabam nos apresentando algo a mais do que está sendo posto. Ao dizermos que o Brasil foi descoberto, mas que aqui tinham-se índios, estamos diante de uma divergência, como algo foi descoberto se já existia alguém aqui? No caso, se tratava de algo novo para os estrangeiros com os quais eles estavam a ter o primeiro contato. Mas estes fatos, como demonstramos aqui, passam a ser questionados a partir da sociedade pós-moderna. Ao analisarmos o momento histórico-social que os primeiros discursos sobre tais fatos foram construídos, iremos de encontro aos sujeitos brancos que, ao se instalarem aqui, trouxeram consigo suas culturas e ensino tendo como os mais corretos, portanto outra visão ou posicionamento não estaria em um nível que seria considerável por eles se não fossem trazidos por outro povo branco. Vejamos, durante determinado período de tempo, desde o primeiro momento em que os estrangeiros chegaram a estas terras, iniciou-se uma nova fase da cultura brasileira, sendo construída por brancos e índios e posteriormente tendo os negros também como formadores. Porém, por questões sociais e preconceituosas, a história foi repassada apenas com uma visão, a dos brancos, e perpetuada assim até os dias atuais.

Diante do material aqui analisado, podemos perceber que, para a sociedade, é importante manter vivos os valores e as construções culturais de acordo com a sua origem, parte disso acontece pelo fato de não saber se referir de outra forma ou apenas por não demonstrar interesse em saber se há uma outra versão. O que ocorre é que elas foram repassadas conforme foram absorvidas sem talvez ter sido questionadas e com isso, após 518 anos, ainda temos fortemente marcados em nossa identidade, discursos que reforçam que o Brasil foi descoberto e não invadido por estrangeiros. Segundo Orlandi (2007, p. 32), “O fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia”. Quando parte da sociedade tenta de certa maneira mostrar-se persistente a tais construções, talvez aconteça pelo fato de não demonstrar interesse em levantar discussões sobre esta. Para alguns, levantar questões que causarão confusões na mente do público, por exemplo o público infantil, que geralmente tem contato com estes fatos na época escolar, talvez não seja interessante, pois

poderia criar dúvidas na história repassada. Portanto, permanecer em uma visão sólida que se mantém inalterada e aceita por grande parte da população por um considerável período talvez seja, para este grupo, o posicionamento mais correto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da Análise do Discurso pudemos fazer um recorte e avaliar como o Brasil lidou com as concepções sobre o índio trazidas desde a chegada dos portugueses nestas terras, assim pudemos observar a resistência de um povo em buscar manter a sua identidade, assim como ela foi constituída e ignorar partes constituintes do mesmo momento.

Vimos que no decorrer de anos, as produções a respeito deste tema tiveram poucas alterações, trazendo sempre os mesmos elementos ao se produzir o discurso, reproduzindo sentidos históricos, sem ocasionar abalos a este fato, porém como observamos, a pós modernidade composta por inúmeros meios de comunicação, promove a disseminação de informações de uma maneira mais rápida, assim também aos pensamentos, o que ocasiona termos mais acesso ao que o outro pensa. A partir desta possibilidade pudemos constatar que nem todo sujeito, apesar de ocasionalmente ter recebido as mesmas informações, toma para si da mesma maneira, podendo assim se apresentar contrário a ideologia que lhe foi imposta. Como vimos nas produções de Armandinho onde nos oferece novas construções de sentido sobre um determinado momento que até então demonstrava não sofrer rupturas.

Observamos que apesar da manutenção dos discursos construídos historicamente, abalos vêm surgindo nas identidades. Hoje, na sociedade pós-moderna, vimos que novos sentidos estão sendo construídos a partir da releitura dos velhos discursos, mas, para analisarmos tais fatos, precisamos ter feito um recorte de como o descobrimento foi visto durante determinado tempo para que possamos apresentar um declínio desse posicionamento. Ou seja, estamos o tempo todo retornando o passado para nos utilizarmos dele como parâmetro para o presente e para o futuro. Para que compreendêssemos as transformações apontadas nas tirinhas de Armandinho, fez-se necessário retomar os conceitos de *índio*, *indígena* e *descobrimento* há 500 anos, para que assim pudéssemos estabelecer parâmetros os quais pudessem justificar as possíveis transformações ocorridas. Neste momento, estamos fazendo uso do interdiscurso, que retorna sob a forma do pré-construído sustentando novos discursos. O que estamos querendo colocar é que estamos o tempo todo retomando ao que já fez sentido em um tempo passado, que a partir do momento que se produz novas construções poderão dar continuidade aos mesmos sentidos ou criar novos. No caso das tirinhas de Armandinho, o pré-construído provocou o intradiscurso, a partir das memórias trazidas na cultura nacional foi possível formular novos discursos.

Não estamos apontando que estes aspectos, conforme foram construídos, estão chegando ao fim, mas sim expondo que este fato, assim como outros, vêm demonstrando

fragmentações que posteriormente possam representar o surgimento de novas identidades. Vale pontuar que esta análise só foi possível a partir do compartilhamento do mesmo momento histórico-social apresentado pelos sujeitos trazidos nas imagens, tanto nas que permanecem produzindo discursos que detém de sentidos similares e os novos discursos que provocam uma ressignificação. Dessa forma, só percebemos os deslocamentos trazidos nas tirinhas porque conhecemos os discursos históricos sobre o descobrimento e os povos indígenas. Caso não tivéssemos conhecimento, se pertencêssemos a outra nação, por exemplo, não seríamos capazes de compreender os sentidos que as tirinhas de Armandinho estão produzindo com os enunciados apresentados.

A partir do momento em que eu questiono uma afirmação instalada em uma sociedade, eu a torno descentrada. Digamos que, com esta discussão apresentada, estejamos diante de uma sociedade que apresenta tais fragmentos, vivenciando uma crise de identidade. Com isso podemos concluir que esta análise foi exitosa em verificar a presença de tais aspectos que demonstram que o brasileiro tem produzido novos sentidos ao se remeter ao mesmo momento e ao mesmo povo. Talvez estejamos hoje, na nossa nação, construindo uma nova identidade que deseja de alguma maneira se libertar de um Brasil construído na base da exploração e do preconceito.

REFERÊNCIAS

BRASIL, IBGE. Censo 2010: população indígena é de 896,9 mil, tem 305 etnias e fala 274 idiomas. **Agência de Notícias**, 10 agosto 2012. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14262-asi-censo-2010-populacao-indigena-e-de-8969-mil-tem-305-etnias-e-fala-274-idiombras>>. Acesso em: 4 set. 2018.

COURTINE, Jean-Jacques; MILANEZ, Nilton. **Intericonicidade**: entre(vista) com Jean-Jacques Courtine. Registro audiovisual, 2005.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. São Carlos: Claraluz, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI**: o minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O quadro atual da Análise do Discurso no Brasil: um breve preâmbulo. In: _____; INDURSKY, Freda. (org.). **Michel Pêcheux e a Análise do Discurso**: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 13-22.

GUEDES, Linaldo. O ano que foi proibido proibir. **Correio das artes**, 30 maio 2008.

GREGOLIN, Maria do Rosário. J-J. Courtine e as metamorfoses da Análise do Discurso: novos objetos, novos olhares. In: SARGENTINI, Vanice; _____. **Análise do Discurso**: heranças, métodos e objetos. São Carlos: Claraluz, 2008. p. 21-36.

_____. AD: descrever-interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In: NAVARRO, Pedro. **Estudos do texto e do discurso**: mapeando conceitos e métodos. São Carlos (SP): Claraluz, 2006. p.19-34.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HECK, Dionísio Egon; SILVA, Renato Santana da; FEITOSA, Saulo Ferreira (Org.). **Povos indígenas**: aqueles que devem viver – Manifesto contra os decretos de extermínio. Brasília: Cimi – Conselho Indigenista Missionário, 2012.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006. (Coleção Educação Para Todos. Série Vias dos Saberes n. 1).

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 5. ed. Campinas: Pontes, 2007.

ORENSTEIN, José. José Orenstein. O que é ser indígena no Brasil hoje, segundo 3 jovens e 2 antropólogos. **NEXO Jornal Ltda.**, 29 abril 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/04/29/O-que-%C3%A9-ser-ind%C3%ADgena-no-Brasil-hoje-segundo-3-jovens-e-2-antrop%C3%B3logos>> Acesso em: 10 set. 2018.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido de Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro (Org.). **M. Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder e subjetividade**. São Carlos: Claraluz, 2004.

Sites Consultados

<<http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/o-brasil-indigena-ibge>>. Acesso em: 2 set. 2018

<http://www.ambitojuridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=17363>. Acesso em: 3 set. 2018.

<<http://www.tancredoprofessor.com.br/conteudo/82/indigenas-e-colonizadores>>. Acesso em: 3 set. 2018.

<<http://www.museudoindio.gov.br/educativo/pesquisa-escolar/253-o-dia-19-de-abril-e-o-dia-do-indio>>. Acesso em: 10 set. 2018

<<http://brasilianafotografica.bn.br/?tag=dia-do-indio>>. Acesso em: 10 set. 2018

<<https://jus.com.br/artigos/5110/a-importancia-do-direito-dos-indios-para-a-manutencao-da-identidade-brasileira>>. Acesso em: 10 set. 2018

<<https://linguagemeafins.blogspot.com/2013/04/estimulos-literariosdescobrimto-do.html>>. Acesso em: 20 set. 2018.

<<https://www.pragentemiuda.org/2012/04/revista-historia-do-descobrimto-do.html>>. Acesso em: 20 set. 2018.

<<https://www.ebah.com.br/content/ABAAABrigAJ/hq-descobrimto-brasil-sitio-pica-pau-amarelo>>. Acesso em: 20 set. 2018.

<<https://kids.cancaonova.com/sem-categoria/descobrimto-do-brasil-2/>>. Acesso em: 21 set. 2018.

<<http://www.rota83.com/turma-da-monica-colecao-voce-sabia-indios.html>>. Acesso em 21 set. 2018.

<<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/1903413849703912/?type=3&theater>>. Acesso em: 25 set. 2018.

<<https://web.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/1917493591629271/?type=3&theater>>. Acesso em: 25 set. 2018.

<https://web.facebook.com/tirasarmandinho/posts/1918332428212054?comment_tracking=%7B%22tn%22%3A%22O%22%7D>. Acesso em: 25 set. 2018

<<https://web.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/1919276201451010/?type=3&theater>>. Acesso em: 25 set. 2018.

<<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/2098530776858884/?type=3&theater>>. Acesso em: 25 set. 2018.

<<https://web.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/961806510531322/?type=3>>. Acesso em: 25 set. 2018.

<<https://www.institutonetclaroembratel.org.br/educacao/nossas-novidades/podcasts/tiras-do-armandinho-estimulam-a-discussao-de-temas-polemicos-em-sala-de-aula>>. Acesso em: 28 set. 2018